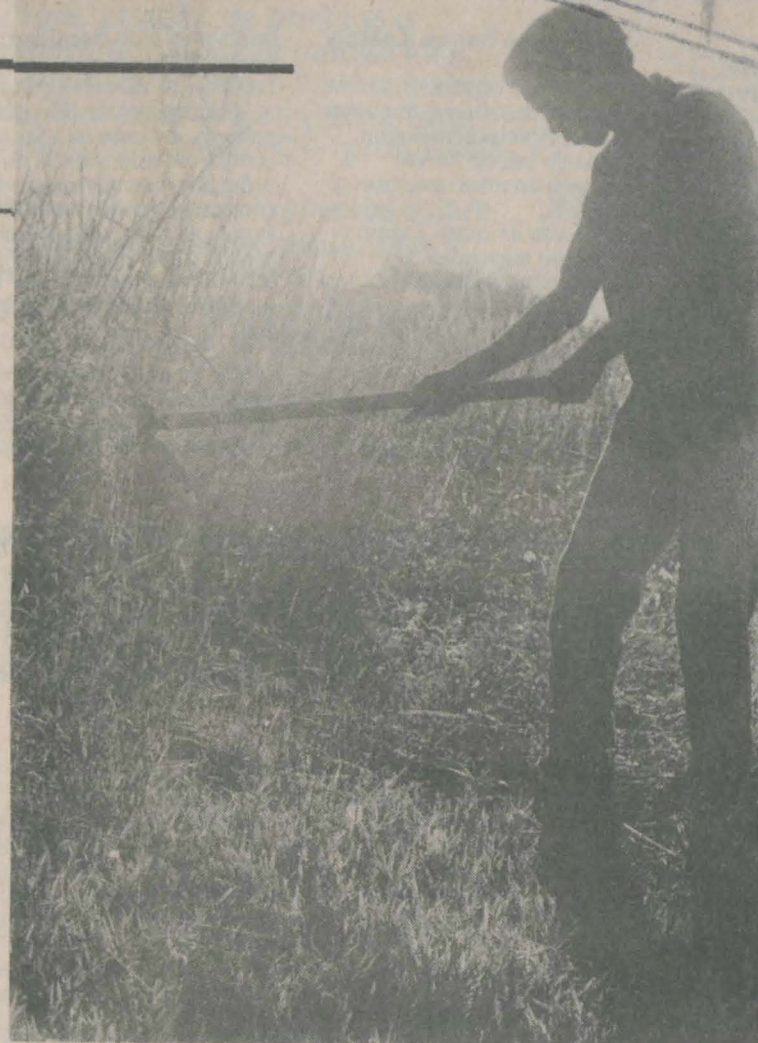


Campus

2ª Quinzena de junho de 87, N° 102



Arquivo/Campus



ÁGUA LIMPA

Emenda popular com mais de um milhão de assinaturas quer reforçar o apoio à implantação da Reforma Agrária. (Pág. 5)

A Fazenda Água Limpa passou a ser palco de discussões e conflitos. Os Departamentos de Engenharia Florestal e Biologia reivindicam seus direitos com a criação de um Centro de Custo, propondo uma melhor administração. Em oposição à proposta está o Departamento de Agronomia, temeroso de perder a direção da Fazenda e sob a alegação de que a FAL não está abandonada. Mas os problemas não são poucos — faltam verbas para novos equipamentos, funcionários, desativação e continuidade de projetos, reparos de pontes e instalações físicas. (Pág. 3)

Marcus Vinicius



Uma série de atividades que vão desde as aulas tradicionais até arte cênica e prática de esportes fazem parte dos trabalhos do PROEM (Pág. 6)

Marcus Vinicius

Brasília esqueceu pioneiro da epopéia

Construir o futuro é também resgatar o passado. O Brasil é um país de memória curta. Cedo se esquece de homens e fatos que tanto representaram para a vida nacional. Felinto Maia foi vítima desse descaso histórico. Importante pioneiro na ousada tarefa de transferência da Capital Federal, hoje vaga no vácuo do conhecimento popular. (Pág. 7)



Rádio, bons tempos que não voltam mais?

Quem ainda se lembra da Era de Ouro do Rádio? Os tempos de glória já passaram e já não há mais famílias reunidas em torno de velhos e pesados aparelhos, ouvindo atentas às últimas notícias. Hoje, comercial e pouco criativo, o Rádio briga para sobreviver. Afinal, em que se transformou a velha grande maravilha dos anos 50? (Página 8)

Elite bebe, povo tem ressaca

José Carlos Anatoly

No Planalto Central, no umbigo do Brasil, foi inaugurado um bar, não um bar beirutesco, mas um bar de personagens grotescas, típicos brasileiros. Pensaram em colocar o nome do bar de Nova República, mas em homenagem ao atual gerente, o bar tornou-se BAR BRESSER.

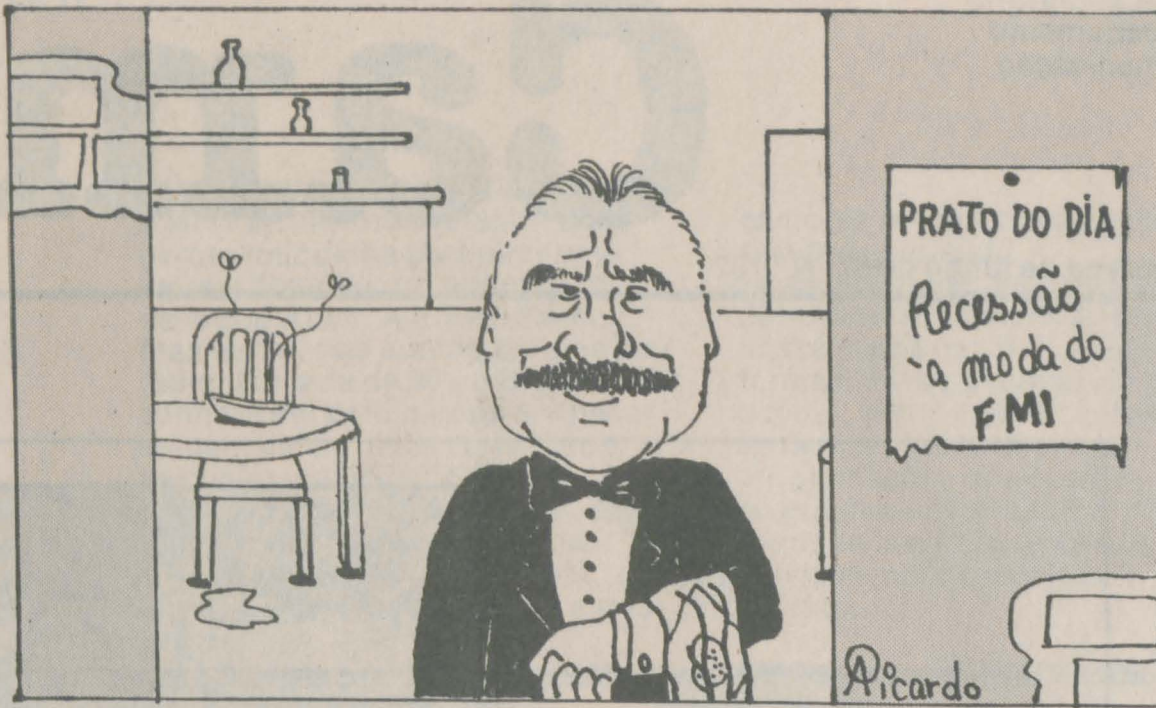
No Bar Bresser, Delfim, Lula e Covas jogam o jogo da Constituinte com cartas marcadas. O garçom Sarney coloca para fora um bêbado chamado Povo, que fica incomodando os constituintes, digo, jogadores. Quem faz o som é o famoso Toninho Malvadeza um punk baiano, ex-tropicalia, que só toca o que ele quer e sempre em troca de alguma micheia.

Havia um bar ao lado, um bar que às vezes tomava a freguesia, o Bar Brizola, mas devido a

intervenção do fiscal anti-drogas Moreira Franco, o bar foi fechado, sob a alegação da presença de traficantes de vídeo-pôquer no recinto.

O Bar Bresser tem grandes atrações, como o próprio gerente que faz o papel de um mago sempre acompanhado de um dragão chamado inflação, fazendo mágicas com objetos que se congelam e descongelam com grande eficiência. O segurança, ou o leão-de-chácara, é nada mais nada menos que o pampeiro Brossard, sempre armado com uma tesoura ou um Tuma Calibre 38, para que nenhum elemento subverta o bom andamento do bar.

No final da madrugada, no fechamento do bar, vem sorrateiramente um Kissinger levar a fêria do dia. E assim termina mais uma noite no Bar Bresser, e o sol nasce no Planalto Central...



Novo sopro de vida no esporte nacional

Marcus Vinicius

E o esporte brasileiro voltou a empolgar a torcida. Talvez estes bons ventos sejam um prenúncio para o que está para acontecer nas duas competições de maior destaque deste ano: a Copa América de Futebol na Argentina e os Jogos Pan-Americanos, em Indianápolis, nos Estados Unidos, sem falar, é claro, no Campeonato Mundial de Fórmula Um.

O futebol brasileiro, que esteve em baixa desde a última Copa do Mundo, vai, aos poucos, recuperando seu espaço nos meios de comunicação e com o público. As finais dos campeonatos regionais começam a dividir as atenções com a Seleção Brasileira. A tradicional camisa amarela está de volta aos gramados bastante modificada. Ali está uma nova geração de jogadores que tem a responsabilidade de recuperar o prestígio do futebol tricampeão do mundo. Para os torcedores, este time que está atuando sob o comando do técnico Carlos Alberto Silva ainda é frágil. Para os jogadores, a Copa América será a chance de mostrar seu real valor e dar início a uma nova etapa de conquistas.

Outros esportes tradicionais como o basquete e o vôlei, tanto masculino quanto feminino, vão ter uma nova chance de recuperar uma posição de destaque no cenário internacional no Pan-Americano que será realizado entre julho e agosto nos EUA. Esta chance é importante principalmente para o vôlei masculino, que necessita de um novo impulso após a des-

classificação no Torneio Pré-Olímpico realizado aqui em Brasília, e para o basquete feminino que se sagrou campeão no Mundialito realizado em São Paulo. Além destes, o atletismo com Joaquim Cruz e Zequinha Barbosa, a natação com Ricardo Prado e Patrícia Amorim, o judô e o iatismo são as grandes esperanças brasileiras na competição.

Uma outra novidade é a ascensão de um pugilista que para muitos não passava da mediocridade. A verdade é que Adilson "Maguila" Rodrigues progrediu muito em relação a seu estilo anterior, mas tem que ter consciência para aceitar o fato de que falta muito, ainda, para alcançar o atual fenômeno do box mundial, o norte-americano Mike Tyson.

Finalmente, as cores verde e amarelo parecem estar brilhando mais forte nas pistas de Fórmula Um em todo o mundo. Pelas últimas atuações de Ayrton Senna e Nelson Piquet, o Brasil é um sério candidato ao título mundial, uma vez que aprendeu a unir a ousadia, a pericia, a força do braço e a sorte necessárias para formar um piloto campeão.

De resto, a torcida só espera que as estrelas que um dia iluminaram Garrincha, Pelé, Carioquinha, Djan Madruga, João do Pulo, Emerson Fittipaldi, Eder Jofre e tantos, outros volte seus raios para esta nova geração. O esporte brasileiro pode ser forte. Basta que seja encarado com seriedade.

Olhos D'água: um choque cultural

Fernando Molina

Um povoado parado no tempo e na poeira. Uma população de baixíssimo nível de vida. Inúmeros bêbados caídos pelo chão, os mais resistentes, cambaleando por entre cavalos, motos e carros — esses, com placa de Brasília. Para completar, dezenas de pessoas que vieram num ônibus da UnB, e em caravanas vindas diretamente do Beirute. Os urbanóides, não menos embriagados do que a população local, traziam consigo os seus velhos jeans Fiorucci, e de outras grifes, antes encostados em algum lugar dos apartamentos, na cidade grande. Eram essas roupas que eles ofereciam pelas poucas peças artesanais produzidas pelos habitantes do lugar. Outros urbanóides, culturalmente

avançados, carregavam opulentas máquinas de fotografia e vídeo e registravam todos os velhos exóticos o suficiente para serem expostos nas galerias da civilização. No meio disso tudo passa um cortejo fúnebre, para o deleite dos espectadores. Noutras palavras: Feira de Troca de Olhos D'água.

Essa invasão acontece uma vez por semestre, a título de "evento cultural", mas para muitos não passa de algo diferente para se fazer no fim de semana. Eles são os que vão lá, fotografam, tomam banho de rio e cachoeira, e voltam para casa carregando algumas peças de artesanato. Para trás fica um vilarejo repleto de necessidades, com corpos tombados na poeira e no lixo deixado pela "feira".

Que roubem os carros, mas não matem os alunos

Theresa Tostes

O que fazer quando se tem medo de vir pra UnB à noite a pé, por causa dos estupros e, de carro, por causa dos assaltantes? "Fique em casa", você me dirá. "Mas é meu horário de trabalho", retrucarei, ou "tenho que estudar na biblioteca", ou mesmo "quero ver um filme no Cine 2 Candangos". E os nossos protetores, os vigilantes?

A situação da UnB em termos de segurança parece caótica, não? Pois é, vamos lembrar: houve ameaças de estupro, mas parou por aí, não foi? Os arrombamentos, furtos e roubos de veículos vinham ocorrendo com frequência, mas no horário da manhã e menos no da tarde, o horário da noite era reservado para as particulares (as únicas a oferecerem curso noturno... que ironia, não?). Pelo vivido no cinema e na biblioteca, sem contar os isolados do alojamento

estudantil (que por mais vigilância que tenha, ainda sofre roubos), conseguimos alcançar o privilégio dos assaltos e não o das aulas no horário noturno.

De onde vem isso? Plano Cruzado 2, falta de vigilantes, elitismo na UnB magnetizando a plebe? De fato tudo isso rola, mas será que não estão querendo criar um clima de insegurança na "nossa casa" pra que a gente abra para a polícia entrar? Vale a pena perder a autonomia universitária por essa conta?

É preciso organizar melhor o sistema atual de vigilância (contratar mais guardinhas, investir na iluminação do campus), mas também pensar em alternativas para ele. A segurança não se consegue sem um envolvimento da comunidade universitária como um todo, (aliás nada se consegue sem isso, né?).

HORÓSCOPO

Madame Buarque

ÁRIES

Evite frequentar as áreas mais movimentadas da UnB, como o Ceubinho, por exemplo: você poderá ter surpresas desagradáveis, lá encontrando seu broto acompanhado de seu (sua) melhor amigo (a).

TOURO

Comer no Bandeirão hoje não é recomendável. O prato do dia é bife a cavalo, nada recomendável aos taurinos (as), face à conjunção austral de seu signo: Plutão na quadra de Saturno.

GÊMEOS

Ao contrário dos arianos, você não só pode, como deve ir ao Ceubinho e outros pontos movimentados do campus. Dia mais do que favorável para encontrar sua alma gêmea. Vá fundo.

CÂNCER

Não se assuste. Sua saúde está ótima. Mas, tendo em vista que amanhã é noite de lua cheia, digo, minguante, tome cuidado com sua alimentação, para não morrer à míngua. Ótimo dia também para fazer trocadilhos.

LEÃO

Excelente dia para matar as aulas. Aproveite para ir ao cabeleireiro, aparar um pouco seus cabelos. Eles crescerão muito mais macios e sedosos. Pode usar shampoo de camomila, de preferência do Boticário, (tem 10% de comissão aqui para essa horoscopia-ta).

VIRGEM

Mantenha essa sua condição. Momento propício para cautela. Caso queira abdicar dela, faça o uso do preservativo, ou seja, a camisinha censurada pela CNBB.

BALANÇA

As finanças passam por uma situação meio difícil; procure seus amigos da UnB; um praticante da agiotagem poderá resolver seus problemas.

ESCORPIÃO

Procure afastar-se do seu C.A.; semana não apropriada para qualquer discussão com seus colegas; seu oposto zodiacal anda a procura de veneno para doar aos alunos de Biologia.

SAGITÁRIO

Sagitarianos, sua sensibilidade, segundo Júpiter, estará à flor da pele. Procure desenvolvê-la discursando todas as manhãs no Teatro de Arena.

AQUÁRIO

Afastar-se das águas, aquariano, a era de Aquário está se aproximando. O aparecimento de escamas poderá lhe causar sérios problemas. Evite uma visita ao seu dermatologista.

PEIXES

Dia propício para fazer compras, devido à conjunção de Marte e com Saturno, Urano, Netuno e Plutão. Principalmente Netuno. Uma dica: procure nas melhores casas do ramo o disco Águas de Março, um presente de bom tom.

O cidadão brasileiro é um mito surrealista

Ricardo M. Filho

Você tem vergonha de ser brasileiro? Esse tema vez por outra nos assalta e surpreende como uma bofetada no senso cívico. Ora, quem teria vergonha de ser brasileiro, terra do futuro, abençoada por Deus e éden tropical dos sonhos mais delirantes? Pois o cineasta Arnaldo Jabour, polêmico e impaciente observador do momento nacional, declarou em um programa jornalístico que gostaria de informar que tem vergonha de ser brasileiro. Louco? Impatriota?

Jabour, na sua aguçada sensibilidade crítica, fez mais que um desabafo. Revelou na sua explosão verbal uma síndrome grave que sutilmente vem tomando forma na cabeça dos brasileiros. Ao contrário do que conclusões fáceis poderiam

sugerir, Jabour fez uma declaração de amor ao Brasil. O que fica demonstrado é o óbvio inconformismo e impaciência a que todos nós chegamos de frontados com essa tosca realidade a que fomos conduzidos.

Estamos cansados de ver crimes contra o bem público serem premiados com impunidade. Isto agride nosso senso de justiça e compromete irremediavelmente todo o sistema de valores que servem de base a nossas atitudes. Estamos cansados de políticos oportunistas que fazem comício em nossas consciências e depois se isolam na conveniência do poder. Estamos fartos dos tecnocratas distantes do social, dos nepotistas e corruptos que idolatram o dinheiro, dos malabaristas ideológicos, dos profetas de ocasião, dos ora-

dores mudos e dos visionários a serviço de suas vaidades. Chega de esperteza, que é via de mão dupla entre a ilegalidade e a anarquia asfaltada numa falsa concepção da índole nacional. Não devemos nos envaidecer de ser o país do jeitinho, mas fugir do controle de teorias mirabolantes que disfarçam vícios graves de comportamento arraigados em nossa rotina.

Já chegou a hora de assumirmos nossos defeitos como fatos a serem corrigidos e não virtudes paralelas. Só assim seremos um povo verdadeiramente integrado com nossos anseios e carências. Só assim nos orgulharemos de nossa nacionalidade sem as muletas de campanhas cívicas conduzidas por fabricantes de sonhos.

Chegou a hora das primeiras gerações. Acorda Brasília

Marcus Vinicius

Brasília, cidade de todos, acaba de completar 27 anos. É portanto, uma cidade jovem que apresenta os mesmos problemas das grandes metrópoles brasileiras. Comparando deste mesmo espaço onde habitam juventude e velhice, tal qual duas faces de uma mesma moeda, estão as primeiras gerações de brasileiros. São as crianças que brincavam pelas quadras ainda em construção e que viveram cada momento do ano de 1964 sem saber o que estava acontecendo; que acompanharam, com medo, o dia-a-dia do caso Ana Lúcia; que inauguraram o parque da cidade o ginásio de esportes. São os jovens que tinham na avenida W-3 única opção de compra e lazer; que

criaram seus próprios redutos como a comercial da 109 sul ("Beirute") ou a lanchonete "Food's" no cine Karim da 110/111.

Muitos dos que pertenceram a essas gerações ainda não aprenderam a sentir o que é Brasília. Para alguns desses jovens apenas mais uma cidade sem praia, sem esquinas e sem vida noturna, opinião formada a partir dos próprios pais, funcionários da administração federal e que para cá vieram por força da transferência da capital. Para outros é um vazio no Planalto Central que muito em breve deverá desaparecer.

É realmente uma pena ouvir tais palavras da boca de jovens que nasceram aqui e que se sentem ofendidos por serem chamados de candangos como

os pioneiros que aqui vieram e trabalharam para que Brasília pudesse nascer. É mais penoso ainda verificar que estes mesmos jovens não questionam seu futuro enquanto brasilienses. É preciso que essas gerações acreditem na cidade e aprendam a lutar e a consertar os erros e não a apenas criticar e virar as costas. Vale lembrar que Brasília é um lugar que já tem muito mas que muito mais ainda pode e deve ser feito.

O pior cego é aquele que não quer ver e enquanto as opiniões a respeito desta cidade e de sua gente forem formadas por terceiros, as gerações futuras também continuarão anestesiadas. Por isso, para você brasiliense, ainda há tempo. Só é preciso acordar agora e acreditar em você mesmo e que essa cidade é sua, ou melhor, é nossa.

Jornal Laboratório do Departamento de Comunicação

Editor-Chefe: Roselle Amorim
Editores: Adriana Vasconcelos (Constituinte), Nilva Rios (Cidade), José Carlos Anatoly (Cultura) e Regina Elizabeth (UnB)
Repórteres e Redatores: Aliene Coutinho, Ana Helena Rossi, André Camargo, Andréa Moraes, Andréa Quintiere, Astrid Carvalho, Augusto Rodrigues, Cátia Abreu, Ceci de Almeida, Cláudia Prado, Delma Assis, Eumano Silva, Francisco de Paula Filho, Giselle Chasot, Giuliana Morrone, Jaul de Castro, João Carlos Fontoura, Luiz Fernando Molina, Luiza Adriana Mouta, Márcia Binder, Marcus Vinicius B. Lopes, Marden Ferreira, Maria Thereza Ribeiro, Mário Celso de Araújo Tafuri, Militão Ricardo, Paulo Cabral, Pedro Mansur, Paulo C. Coelho, Renato Afonso, Raquel Flores, Ricardo Miranda Filho, Ruth Maria Martins

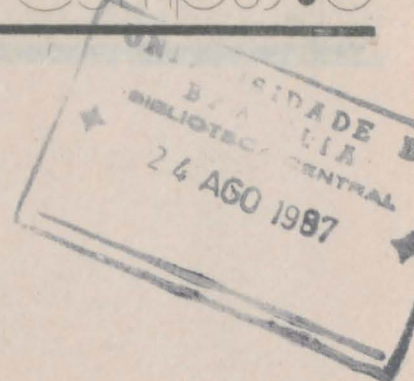
Frota, Susana Doba, Telma Regina Pavarino, Valéria Cristina Castanho, Valéria Borges, Valéria Mendes.

Repórteres-Fotográficos: Allan Kardec Milhomens, César Mendes, João Carlos Fontoura, Marcus Vinicius B. Lopes, Susana Doba.
Professores Responsáveis: Hélio Marcos Doyle, Murilo César Ramos (reportagem, redação e edição), Luiza Venturini (fotografia) e Maria Rita Leal (projeto gráfico e arte).

Diagramação: Chico Amaral
Ilustração: Ricardo Miranda e Mário Viggiano
Laboratorista: Jeová Xangó
Secretária de Redação: Dalila Maia de Oliveira
Composição, revisão e impressão: Jornal de Brasília.

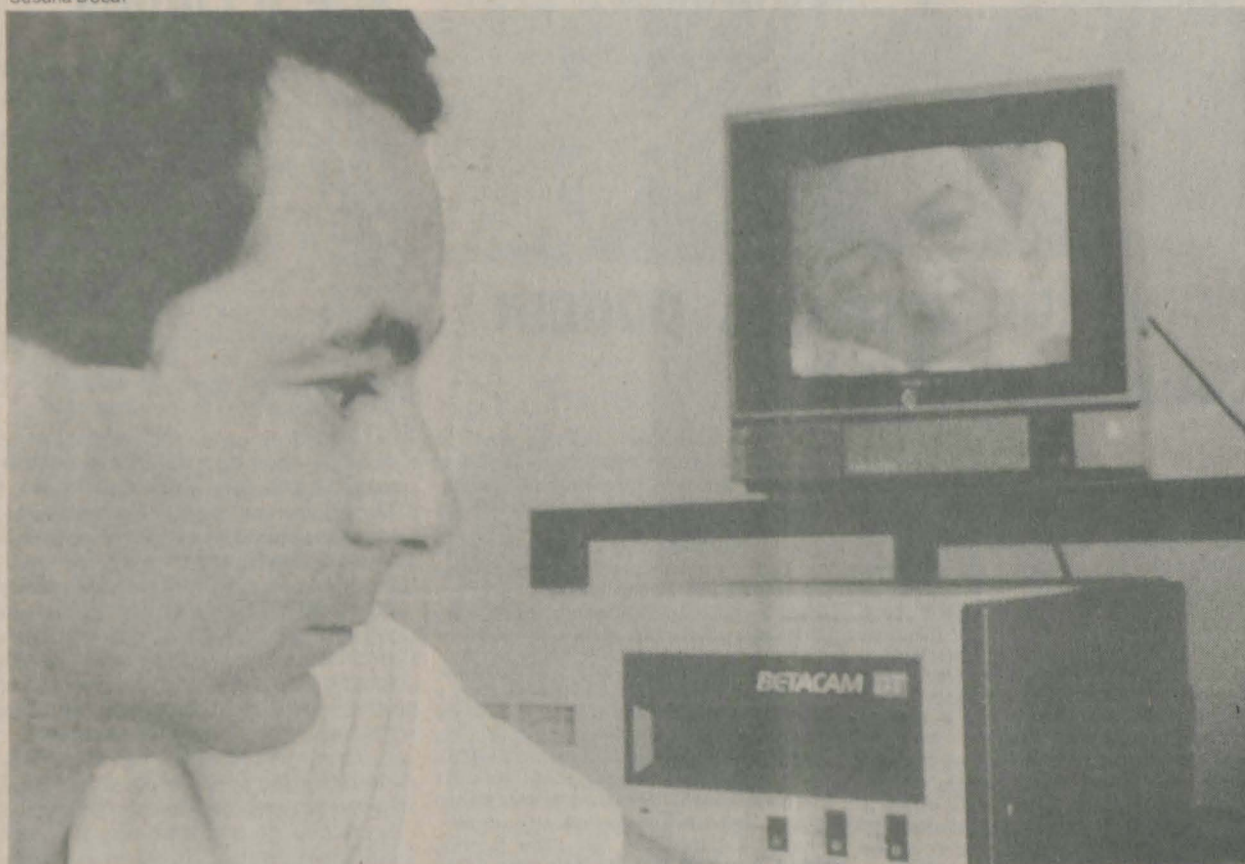
UnB

Horticultura, fruticultura, criação de bovinos e suínos, pomares e experimentação de mudas são algumas das muitas atividades desenvolvidas pelos alunos da Agronomia, Florestal e Biologia na FAL (Fazenda Água Limpa), da UnB. Os problemas, porém, não são poucos — faltam funcionários, verbas para novos equipamentos, desativação de projetos e manutenção da parte física. Administrada pelo Departamento de Agronomia, a FAL tornou-se alvo de discussões e polêmicas com a proposta defendida pela Florestal e Biologia de transformá-la em um centro de custo autônomo, dirigido conjuntamente.



Fazenda Água Limpa divide departamentos

Susana Dobal



CPCE: uma moderna central de produção audiovisual na UnB

Jaul Ramalho

Modernos equipamentos de vídeo: três unidades de externa, estúdio, ilhas de edição e pós-produção nos formatos U-Matic e Beta, além de serviço de telecine e VHS. Conjunto para filmagem e montagem em 16 e 35mm, a área de cinema, áudio-estúdio com capacidade de até 16 canais, equipamentos de externa, e produção de videocassetes, linha completa de produção em 35mm para papel, slides e audiovisuais, em fotografia e mais, setor de produção gráfica e computação. Não se trata de uma moderna central de produção da rede Globo, mas foi quase o presente que a Fundação Universidade de Brasília deu à Fundação Roberto Marinho, na administração Azevedo.

No primeiro semestre de 85, na administração de transição do professor Luis Otávio de Souza Carmo, a UnB foi chamada pela Secretaria de Cooperação Econômica e Técnica Internacional (SUBIN) órgão da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, para dar início à execução de um convênio de cooperação técnica no valor de 2 milhões e 600 mil dólares, firmado entre aquele órgão e a antiga administração da FUB. O convênio visava a realização do projeto "Educação Continuada por Multimeios", em que a UnB executaria o projeto tendo como co-executora a Fundação Roberto Marinho, que assumiria integralmente os recursos do convênio para a montagem de uma central de produção em São Paulo.

Após o prazo de dez anos, os equipamentos seriam repassados à FUB, quando já estariam ultrapassados. Diante dos termos do convênio e aproveitando que o mesmo, por sorte, não havia sido analisado pela assessoria jurídica da UnB, o então Decano de Extensão, professor Murilo Cesar Ramos, conseguiu obstruir a execução do convênio, alegando que a FUB seria mera repassadora de recursos. Nesse momento iniciou-se o processo

de negociação entre o BID, SUBIN, FUB e Fundação Roberto Marinho, que se estendeu até a administração do reitor Cristóvam Buarque, quando surgiu o acordo dividindo os recursos igualmente entre a FUB e a Fundação Roberto Marinho: 1 milhão e 300 mil dólares para cada.

A partir daí surgiu um novo convênio da FUB com o BID, pelo qual a UnB livre da Rede Globo montou o Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE), comprometendo-se com um novo projeto de educação continuada por multimeios, cuja base é o respeito e a valorização da cultura na região Centro-Oeste, devendo a FUB prestar contas ao BID durante 87.

O CPCE é um órgão suplementar da UnB, que tem como finalidade, planejar, coordenar e viabilizar atividades relacionadas à produção, veiculação e distribuição de vídeos, filmes e materiais audiovisuais para fins culturais e educativos.

Campo de ação

A área prioritária de ação do CPCE, abrange desde o Xingu até o Araguaia, tendo como base a cidade de Barra do Garças, Mato Grosso, onde há grande atividade cultural e a presença da Universidade Federal do Mato Grosso, em um Campus avançado, com o Centro Pedagógico montado no local. É de Barra do Garças que surgiram os primeiros trabalhos realizados pelo CPCE, aproveitando-se materiais já existentes no Centro Pedagógico. O conhecimento da realidade educacional da região está sendo levantado para a produção de trabalhos na área educativa, como: "Formação de Professores e Supervisores 1º grau", "Ciências e Matemática" e "Atualização e Complementação de Professores — 1º grau".

Projetos ou trabalhos da CPCE contam com a colaboração de entidades federais ou estaduais, como: ministérios, universidades, secretarias estaduais, emissoras de rádio e tv e demais instituições, que podem ceder

informações auxiliando nesses projetos. É o caso do posto médico de Barra do Garças que forneceu dados sobre a grande incidência de Hanseníase na região, que está sendo utilizado no projeto "Medicina Popular" — pesquisa e vídeo.

Estrutura do CPCE

O CPCE manterá uma estrutura administrativa mínima que funcionará plenamente de acordo com os projetos em andamento. Há à a presença: do diretor Geraldo Rocha Moraes, cineasta, que faz parte do CPCE desde o projeto inicial de julho de 86; do coordenador de produção cultural, José Antonio Carvalho D'Arrochela Lobo, produtor de tv; do coordenador de produção educativa, Elcio Bezerra Pontes, tecnólogo educacional; da coordenadora de distribuição, Andréa da Silva Valente, relações públicas, do coordenador de pesquisa e documentação, Carlos Alberto Vieira, mestre em educação; do chefe da seção de pesquisa, Anésio Pereira de Mendonça; de uma equipe técnica, que mudará com a reciclagem dos projetos e de dez estagiários, alunos da UnB que também serão mudados de acordo com as necessidades do CPCE.

O CPCE é uma estrutura interdisciplinar que conta com profissionais de diversas áreas. O acesso a ele se dá através de projetos da área cultural ou educativa. "Captar a luz, o ritmo e o visual do Centro-Oeste", assim o professor Geraldo definiu o ideal dos projetos adotados pelo CPCE. Se você é aluno e tem alguma experiência na parte de produção, pode pleitear uma vaga de estagiário, basta mandar seu currículo ao CPCE, módulo 6 do minhocão norte.

A idéia do CPCE é a criação de uma estrutura permanente que permita a formação de profissionais e a elaboração de diversos trabalhos que poderão gerar divisas para nossa universidade.

Roselle Amorim
Valéria Mendes

A Fazenda Água Limpa (FAL), da UnB, de espaço para atividades acadêmicas, transformou-se em palco de discussões e conflitos que interessam. Os Departamentos de Engenharia Florestal e Biologia querem a sua transformação em Centro de Custo autônomo. Colocada em discussão, a proposta já enfrenta duras resistências por parte dos alunos e professores do departamento de Agronomia.

Os Departamentos de Engenharia Florestal, Agrônoma, Biologia Vegetal e Animal, possuem áreas determinadas dentro da FAL para suas atividades práticas. Nesses "lotes", alunos e professores desenvolvem experiências e projetos de forma independente, com recursos de seus Departamentos. Questões como aplicação orçamentária, controle do uso de equipamentos, vigilância, funcionários e manutenção do meio físico, porém, estão sob controle do Departamento de Agronomia.

Com o centro de custo, os problemas gerais da FAL, serão resolvidos por uma Câmara diretora, formada por dois professores de cada departamento usuário, que irá estabelecer políticas administrativas de pessoal, material, transporte, vigilância, utilização e manutenção de equipamentos, oficinas e outras seções de apoio. As questões específicas de cada curso continuarão sob a responsabilidade exclusiva do respectivo departamento.

RESISTÊNCIA

A maior resistência ao Centro

de Custo parte exatamente do colegiado da Agronomia, temeroso de perder o controle da FAL e ser atropelado pelo novo processo. "Não concordamos com a natureza da proposta e não vamos aceitá-la de forma alguma. Ela não nos interessa na medida em que vai emperrar a administração da FAL", diz o chefe do Departamento de Agronomia, Sertório Ribeiro F. Leão. A possibilidade de não ter mais o monopólio das decisões e a falta de um conhecimento maior da proposta apresentada, levam as discussões à radicalização.

Sertório lamenta que a FAL não seja um avião — "porque avião é comandado por um comandante só. Se um louco pilotar ele esborracha no chão ou cai em ridículo extremo. Deve haver respeito de cada área, senão a UnB estará falida". A chefe do Departamento de Florestal e uma das defensoras da nova proposta, Jeanine Felfiti, esclarece que o centro de custo não irá interferir nas questões específicas dos Departamentos como projetos e áreas já definidas.

Contra a proposta do Centro de Custo, Sertório afirma que para um leigo a fazenda pode parecer abandonada, entrando em contradição com os próprios alunos e professores da Agronomia, que em um documento encaminhado ao reitor, admitem a deficiência do gerenciamento dos recursos materiais e humanos da FAL. A situação é evidente: máquinas paradas por falta de peças há seis meses, pontes quebradas, envelhecimento dos equipamentos, falta de funcionários e projetos desativados.

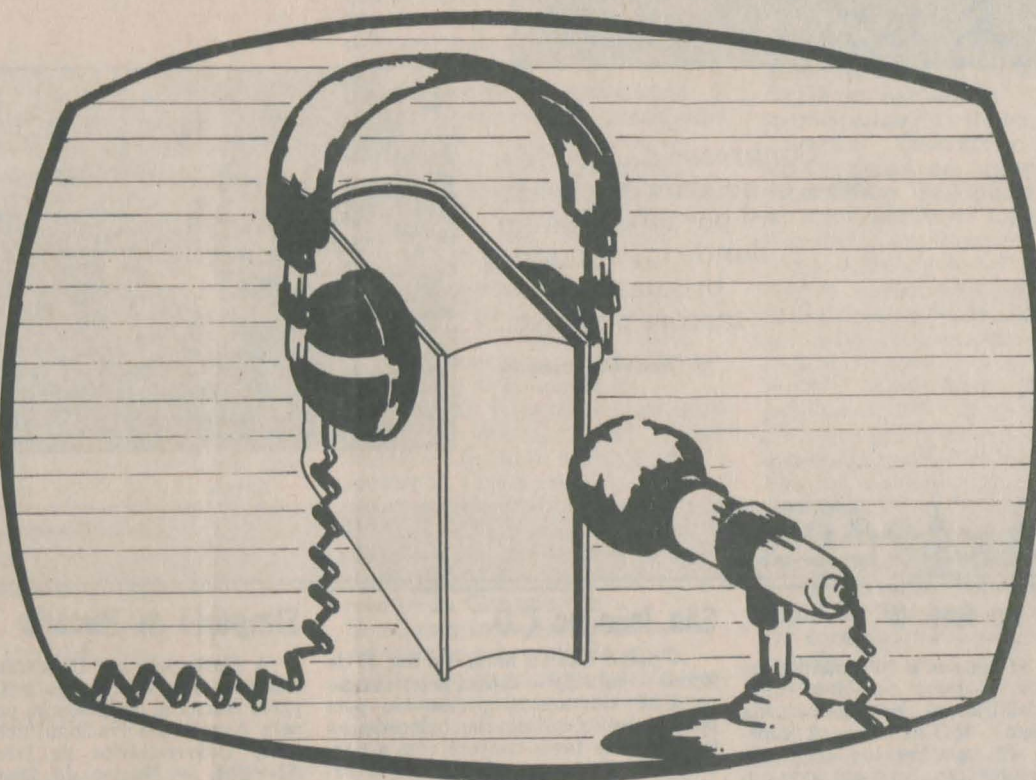
IMPASSE

Diante do impasse, outras propostas começam a ser apresentadas, como a implantação de um Plano de Produção na FAL, defendida pelo professor Sertório. Para ele, a fazenda deve produzir em escala suficiente para comercialização e geração de recursos próprios, tornando mais ágeis os mecanismos administrativos existentes. Os alunos da Agronomia, por sua vez, acreditam que o problema não se resume só à fazenda e deve haver uma reformulação de todo o Departamento.

Para Sérgio Dutra, do C. A. da Agronomia, por trás de toda essa briga existe um jogo de interesses conflitantes, em que departamentos temem seu enfraquecimento caso suas propostas não sejam aceitas. A Engenharia Florestal é um Departamento novo e quer se firmar; a Agronomia não admite perder o controle decisório da FAL e alega que o centro de custo iria burocratizar e emperrar ainda mais o andamento; na radicalização do chefe do Departamento da Agronomia estaria encoberta a possibilidade de uma má administração. Na verdade, ninguém abre mão de participar, ao menos, da administração garantindo benefícios e poder decisório.

Em meio a todas as discussões, não está sendo levado em conta localização da fazenda. A poucos quilômetros do Plano Piloto, em uma área nobre, esse valioso patrimônio da Universidade corre o risco de, não sendo bem utilizado, ser retirado dos alunos e professores dos departamentos como área para atividades experimentais.

A BIBLIOTECA QUE FALA E OUVI



Discos, filmes, documentários, cursos de línguas estrangeiras, partituras, slides, mapas, microformas em geral... Na seção MULTIMEIOS não há limites para a sua curiosidade: ela tem à sua disposição recursos alternativos para

atender diversas áreas do seu interesse. Você sempre pode achar um tempinho para dar uma chegada até lá. De segunda a sábado, o horário de funcionamento é das 8 às 21 horas. Conheça esse Meio.

MULTIMEIOS

Biblioteca Central - UnB

Núcleo de Saúde Pública tem seu programa de pesquisas

Regina Elizabeth

As condições de saúde e nutrição de uma comunidade determinadas pela estatura dos escolares que estão ingressando no 1º Grau. É isso que a professora Maria Hanai quer comprovar, através de pesquisa realizada no Núcleo de Estudos de Saúde Pública (NESP), da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB.

A proposta do NESP é, após realizada a pesquisa no Distrito Federal, estendê-la para todo o país, com a colaboração direta do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN), segundo informou a professora Ana Maria Peliano, coordenadora do Programa de Estudos da Fome, daquele núcleo.

"O que se pretende é politizar e estimular debates sobre a questão, tanto na área governamental quanto na sociedade em geral, através dos dados concretos que forem conseguidos aqui no DF", Maria Hanai explica ainda que este trabalho faz parte de um sistema nacional de vigilância nutricional, mas que só é possível levá-lo adiante "se houver interesse das bases estaduais".

Após o levantamento censitário das crianças que entram no 1º Grau de escolas públicas e particulares, os ob-

jetivos da pesquisa são um mapeamento das condições de saúde e nutrição do DF e entorno, indicação de áreas prioritárias para atuação dos programas de desenvolvimento social, além de testar a validade da própria pesquisa.

Política de pesquisa

Outro projeto em andamento no NESP já foi requisitado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia. Tendo como consultor o professor Mário Grasi Filho, este projeto consiste em uma análise do setor de produção de ciência e tecnologia em saúde. Partindo de um levantamento de todos os cursos de pós-graduação no país, o professor pretende ter condições de fazer um mapeamento dos grupos de pesquisa e respectivas linhas de trabalho, além de localizar os recursos governamentais para pesquisa.

O objetivo fundamental do trabalho é dar subsídios ao Ministério para a formulação de uma política de pesquisa, hoje praticamente inexistente. A principal dificuldade encontrada é a omissão de informações pelos próprios pesquisadores no que diz respeito às verbas, que se encontram dispersas pelas várias instituições financiadoras. Mário Grassi explica que o investimento em pesquisa não é linear, uma vez

que nem sempre ela traz um grande retorno social.

A Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) está desenvolvendo um trabalho que consiste em três linhas de pesquisa. O Projeto Multicentro, que deve ser financiado pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e realizado pelo NESP no Distrito Federal.

Este projeto se divide em: Epidemiologia — distribuição das doenças por faixa etária, região ou classe social; Política de Saúde — avaliação de 1983 para cá, quando foi tentada uma estratégia que aglomerasse num único órgão as várias instituições de saúde de cada região e, Recursos Humanos em Saúde — panorâmica das necessidades brasileiras hoje (especialização de médicos e enfermeiros), melhor aproveitamento de pessoal, plano de cargos e salários, estabelecimento de parâmetros entre os estados.

Além de pesquisas, o NESP vem fazendo também um acompanhamento dos trabalhos da Constituinte na área de saúde, tendo produzido inclusive um vídeo sobre Reforma Sanitária, já exibido no Congresso e à disposição dos departamentos interessados na sua reprodução, desde que sem fins comerciais.

UnB

Há dois anos, qualquer funcionário da FUB, depois de haver concluído o segundo grau, não poderia ser matriculado na Universidade de Brasília. Hoje, além de existir oportunidade de o funcionário continuar seus estudos em nível superior, os que não tiveram como se alfabetizar ou concluir o primeiro grau podem resgatar o tempo perdido, sem sair do cam-

pus. José Tavares, funcionário da Faculdade de Saúde e aluno de pós-alfabetização, elogia este projeto educacional e a reitoria por incentivá-lo. Há, contudo, muitos alunos e professores não satisfeitos com os trabalhos desenvolvidos.



A história da UNE

2ª parte - A Missão

Militão Ricardo

Entre 1960 e 1987, a UNE atingiu o seu ponto mais alto e também o mais baixo de sua trajetória. Ela não passou incólume pelo processo histórico que o Brasil atravessou nesta época. "Incumbe-nos esboçar a missão de uma universidade existencialmente entendida, comprometida com as necessidades concretas do povo brasileiro. Universidade historicamente datada e sociologicamente situada na segunda metade do século XX, num país em fase de desenvolvimento". Este é um trecho da conclusão do 1º Seminário Nacional de Reforma Universitária, promovida pela UNE em 1960. A carta também recomenda "... a abertura da universidade ao povo, mediante a criação de cursos acessíveis a todos: alfabetização, formação de líderes sindicais, mestre-de-obras, etc. Os estudantes estavam aprofundando a discussão que iria depois nortear sua ação nos próximos anos.

Universidade popular Em 1962, os estudantes entraram em greve pela participação nos órgãos colegiados de administração das universidades. No ano seguinte José Serra foi eleito presidente da UNE. Ele pertencia à Ação Popular (AP), um grupo da esquerda católica. Nesta gestão iniciou-se na prática a política de "Universidade para o povo". Os estudantes se engajaram em campanhas de alfabetização e saúde pelo interior do país. O Centro Popular de Cultura (CPC), espalhado por todo o Brasil pela UNE-Volante (caravanas estudantis), pretendia se tornar uma empresa da cultura popular nacional, "levando às favelas e subúrbios teatro de esclarecimento, protesto e denúncia. Em torno do CPC se aglutinou uma geração de artistas e intelectuais responsáveis por uma fase muito fértil da cultura brasileira, que se revoltou contra a burocracia acadêmica que imperava nas salas de aula.

O Golpe de 64 Por volta de 1964, o prestígio que a UNE tinha era desproporcional ao

número de estudantes brasileiros. Contribuiu para isso a fraqueza de outros setores da sociedade. Já havia divisões fundas no ME e seus líderes subestimaram sua força. Quando veio o golpe de estado em 31 de março, os estudantes sofreram forte repressão. O prédio da UNE foi incendiado e muitos estudantes foram presos e torturados. O governo Castelo Branco baixou a Lei Suplicy de Lacerda, que ilegalizou a UNE e firmou o acordo MEC-Usaid, que deixava nas mãos do governo dos Estados Unidos a reorganização da Universidade brasileira em fundações particulares, despolitizadas, acrílicas e adaptadas às necessidades das empresas. O movimento estudantil se reorganizou e em 1966 uma nova onda de protestos contra a política educacional varreu o país, com reação violenta do governo. Em julho, realizou-se clandestinamente o congresso da UNE, no porão da Igreja São Francisco de Assis, em Belo Horizonte.

1986. Ibiúna

O antagonismo agudo e o aumento da repressão violenta pelo governo provocou uma radicalização por parte do movimento estudantil, que passou a ter caráter revolucionário em vez de reformista. Alguns grupos partiram para a luta armada. Acontecia em todo mundo a "revolução da Juventude", mas os estudantes brasileiros, na necessidade de uma ação radical, não tinham tempo para discutir e assimilar as novas filosofias que entusiasmassem os estudantes europeus e americanos.

Em março, o estudante secundarista Edson Luis Souto foi morto no Rio por um tiro da polícia militar que reprimia uma passeata. Choveram protestos e 50 mil pessoas acompanharam o enterro. Em junho, cem mil pessoas entre estudantes, intelectuais, artistas, padres e mães, comandados por Luis Travassos, presidente da UNE, exigiam liberdade e democracia nas ruas do Rio. Neste clima, a polícia desbaratou o 30º Congresso da UNE, em Ibiúna, São Paulo, prendendo

todos os estudantes e desmobilizando o ME, que era a vanguarda da sociedade civil. O AI-5 sepultou de vez a resistência estudantil e seus líderes tiveram de cair na clandestinidade total. O último presidente da UNE foi Honestino Guimarães, da UnB, que desapareceu em 1973. Hoje em dia, o DCE da UnB tem o seu nome.

Reconstrução

Entre 1969 e 1977, o ME quase não existiu. Em 77 foram recriadas as entidades livres e os estudantes voltaram às ruas, exigindo anistia, democracia e verbas para o ensino público. Em 31 de março, três mil manifestantes levam um manifesto à população, em meio à violenta repressão policial. Em 1979, o 31º Congresso Nacional reconstruiu a UNE e elegeu Rui Cesar para a presidência. Mas a entidade não recuperou seu prestígio porque as diretorias desde então são controladas por um único grupo de esquerda radical, que não percebeu que os outros setores da sociedade (operários, moradores, minorias, etc.), estão organizados e defendem suas próprias bandeiras.

A UNE, em vez de buscar o seu lugar entre os estudantes, transformou-se em instrumento de partidos minoritários de esquerda, que tentam utilizá-la em suas campanhas. A massa estudantil ficou de fora. A UNE atravessa uma grande crise de conteúdo, de identidade e de credibilidade. Isso foi gravado pelas eleições diretas para presidente da entidade em 1985. O grupo do PC do B, com ajuda do governo, fraudou violentamente o pleito e desde então a diretoria tem sido repudiada em todo o país.

O futuro

A UNE pode ser resgatada, se for despartidarizada, dando lugar à pluralidade ideológica e se resgatar o conteúdo de suas discussões, gerando propostas concretas que motivem uma mobilização em seu redor. Esperemos!

Susana Dobal



Hoje, funcionários podem estudar na UnB

Francisco de Paula

"A escola dos funcionários da Universidade de Brasília tem sobrevivido por milagre. Embora a reitoria veja com bons olhos o projeto de alfabetização e de ensino de primeiro grau desenvolvido junto a funcionários da UnB, é preciso muita garra para levá-lo adiante, pois faltam recursos financeiros e humanos. A afirmação é da professora Marialice de Carvalho Pitaguary, autora do projeto pedagógico para adultos, de cuja execução têm participado ativamente.

A verba é tão curta, que há "assessores" das áreas de Geografia e História que, neste ano, ainda não viram a cor do dinheiro como pagamento do trabalho realizado, desde março, junto aos funcionários. Dinheiro há. O EDUC, antigo Mobral, destinou 350 mil cruzados para este projeto no ano passado; mas, até agora, a verba não pôde ser utilizada. O local em que são desenvolvidas as atividades pedagógicas também não ajuda. Parece mais com um galpão sem divisórias entre as salas de aula, onde alunos das áreas de ciências e humanidades da própria universidade lecionam, no mesmo horário, disciplinas como Matemática, Português e Educação Artística para turmas de vários níveis.

Hoje, 155 funcionários fazem o primeiro grau na Universidade de Brasília, participando de um experiência cuja existência deve-se, sobretudo, ao seu significado como uma conquista política de toda a comunidade do campus, que apresenta como filosofia básica o respeito ao alfabetizando

Centro visa desenvolver o ensino de graduação

Renato Afonso

O Centro de Acompanhamento e Desenvolvimento Educacional (CADE) é um órgão da atual administração da UnB, que visa promover o desenvolvimento do ensino de graduação. Ele originou-se de contatos mantidos entre a Decano Paulina de Freitas Targino e a coordenação do Programa de Aperfeiçoamento e Desenvolvimento do Ensino Superior do Ministério da Educação.

O CADE compõe-se de três coordenadorias: Desenvolvimento da Educação (CDE), Avaliação (CAV), e Sistema de Orientação ao Universitário (SOU). Apesar de só ter oficializado esta estrutura em abril passado, o Centro vem funcionando desde o início de 86. Para a coordenadora Leda Barreiro, o SOU é um serviço objetivando a melhoria da graduação através de atividades de informação, orientação e apoio ao aluno em questões acadêmicas, vocacionais e pes-

soais. Neste semestre já foram atendidos cerca de 70 estudantes, além de se ter iniciado o levantamento e elaboração de material para informação do aluno, como questionário para o calouro, fichas de atendimento e acompanhamento, etc.

Nilza Bertoni, a diretora do CADE, disse que o centro age conjuntamente. Enquanto a CAV cuida de desenvolver um programa para melhor avaliar a universidade, a CDE prepara o projeto de aperfeiçoamento. Até agora, já foi proposto o projeto "Repensando a Graduação: Elementos a Discussão e Formulação de Projeto Educacional na UnB", tendo sido produzido dois documentos sobre o novo modelo de exames vestibulares da COPEVE e feitos ainda estudos a respeito da reformulação do 1º ciclo geral. Já neste ano, houve o evento inaugural do Fórum do Ensino de Graduação e passou-se pela experiência da modificação do sistema de matrícula.

SEC, um espaço livre para a arte e cultura

Telma Regina Pavarino

Claudia Prado

Desde quando inaugurada, a Universidade de Brasília e sua comunidade quase nunca puderam contar com um apoio efetivo à sua produção artístico-cultural. Pelo contrário, a repressão a quase todas as manifestações dessa natureza era constante. Hoje, essa mesma comunidade não só recebe incentivo à sua produção, mas também conta com um órgão que o apoia inclusive financeiramente.

Recentemente reorganizado, o SEC — Serviço de Apoio Artístico-Cultural da UnB — ligado à Diretoria de Ação Comunitária, visa incentivar a criatividade de alunos, funcionários e professores. Na verdade, ele já havia sido criado desde 1975, época em que o desenvolvimento cultural da universidade não era prioritário. Dessa forma, este órgão objetivava dar uma assistência coletiva, embora precária, aos grupos que surgiam.

Fred Brasileiro, um dos funcionários do SEC, vivenciou uma época em que os obstáculos para a produção de um trabalho na área cultural eram inúmeros: "Antigamente, as pessoas eram compostas só de cérebro e mais nada. E isso era estimulado. Eu, que queria fazer arte, era considerado vagabundo".

Objetivos

Atualmente, o SEC expandiu seus objetivos. Com total apoio da Reitoria, ele articula a criação de Núcleos Culturais, promove e incentiva eventos que surjam por iniciativa dessa comunidade, tais como corais, orquestra-oficina, Cine Clube Dois Candangos, Núcleo de Dança, Serenata de Natal e o Núcleo de Vídeo.

Para Ana Virginia Queiroz, Chefe do SEC, cada uma dessas atividades tem seus objetivos e verbas próprias. O Coral da UnB, por exemplo, vem mostrando seu trabalho em outros Estados. Já o Coral Japonês visa incentivar o intercâmbio cultural entre os dois países.

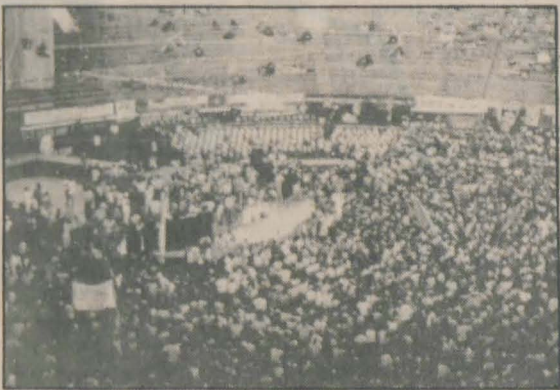
Núcleos

Além dos corais, o SEC congrega quatro núcleos: vídeo, dança, teatro e literatura. O Núcleo de Literatura, por exemplo, dá oportunidade tanto para o servente divulgar sua literatura de cordel, quanto para o professor-doutor debater e criticar os gêneros literários.

Outra atividade promovida pelo SEC e que tem tido bastante aceitação é o Canto de Encontro: um espaço aberto para todos que desenvolvem trabalhos em qualquer estilo musical, mostrar suas composições ou mesmo cantar. Já o Fórum Livre realiza debates de toda natureza, como política, religião ou até mesmo o "sexo dos anjos". As atividades e programações se estendem por toda semana, em horários que não coincidem com as aulas.



Flagrante de uma reunião da UNE em abril de 43. O perfil dos estudantes pouco parece com o de hoje em dia.



Congresso da UNE de 1984. O nível da discussão foi por água abaixo dando lugar a uma briguinha entre facções políticas.

acontece...

"Frevo no Anf. 9"

Com 96 passos e 10 modalidades diferentes, o frevo tornou-se uma dança tradicional e popularizada como ritmo de Carnaval. A coordenação de movimentos corporais com a respiração, favorece todo um estado de espírito e descondicionamento de tensões, possibilitando equilibrar os eixos energéticos cerebrais. No dia 26 de junho — 6ª-feira — às 19 horas, no anf. 9, estarão se apresentando, entre grupos de música e folclore, alguns dos alunos de frevo do Professor Jorge Marino de Carvalho que, com o auxílio de aparelhos psicoeletrônicos, radiotécnicos e computador, vem desenvolvendo uma pesquisa sobre os efeitos benéficos do frevo sobre o centro energético do ser.

Vídeo no Almoço

Continua firme a programação do núcleo de vídeo que, esta semana, deixa em suspense os seus espetáculos que, diariamente, às 12h15 ou às terças e quintas, às 18h15, buscam, esta opção de cultura e lazer. As democráticas e alternativas sessões de segunda-feira, são dedicadas a produções independentes, culturais e musicais. E, se algum departamento estiver interessado em utilizar este recurso como apoio pedagógico, não se acanhe em contactar o Marcos ou o Celso no SEC-DAR, ramal 2324, para apresentação de sugestões ou maiores informações.

São João no C.O.

A partir das 20 horas do dia 27 de junho — sábado — estará acontecendo na UnB um arraial promovido pelo pessoal do C.O. Além das brincadeiras típicas, essa festa contará com a participação de grupos folclóricos e regionais, entre os quais está prevista a apresentação do "Bumba meu boi". No mais terá muito forró, música caipira ao vivo e quem quiser armar suas barracas de comens e bebes, é só chegar e se candidatar, ou se candidatar e chegar.

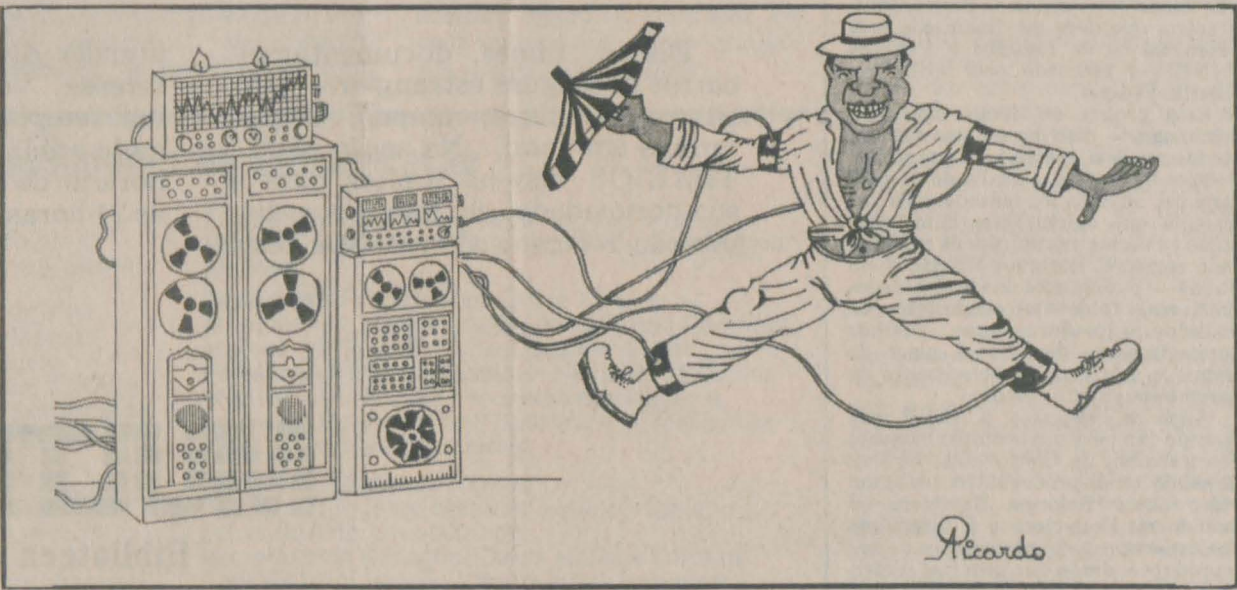
Simpósio de História

A UnB, pelo seu Departamento de História, estará sediando o XIV Simpósio Nacional de História, promovido pela Associação Nacional dos Professores Universitários de História — ANPUH — Núcleo do Distrito Federal. Aberto no dia 19 de julho, domingo, o simpósio se desenrolará até o dia 24 de julho. Está sendo programada a realização de 15 cursos, além de nove mesas-redondas e apresentações de dança, teatro, música, fotografias, filmes, slides, vídeo e recital

político com lançamento de uma revista literária... Maiores informações no Departamento de História.

Villa-Lobos

Para a comemoração do centenário Villa-Lobos, entre outras atividades previstas, duas se destacam para o início de julho: no dia 1º — segunda-feira — haverá o recital de violão com Marco Pereira, no anf. 9, às 12h30. E no dia 2, às 16 horas, acontecerá o "Som Villa-Lobos", inundando o Espaço Dois Candangos (jardins).



Muro

Clandestinos e "marajás"

Muita coisa anda errado no alojamento do Centro Olímpico. Casa tradicionalmente generosa para receber moradores clandestinos, o C.O. vive agora uma pequena guerra pela ocupação de seus apartamentos. De um lado estão os estudantes de pós-graduação, que querem continuar tendo 60 vagas garantidas. Do outro, os de graduação, que querem aumentar seu espaço dentro do alojamento. Os pós-graduandos, chamados de "marajás" por causa do aumento da bolsa do mestrado, acusam seus "rivals" de acolherem muitos clandestinos e também de, em grande parte, morarem no C.O. sem necessidade, pois teriam boas condições financeiras (Eumano Silva).

Exploração de cavernas

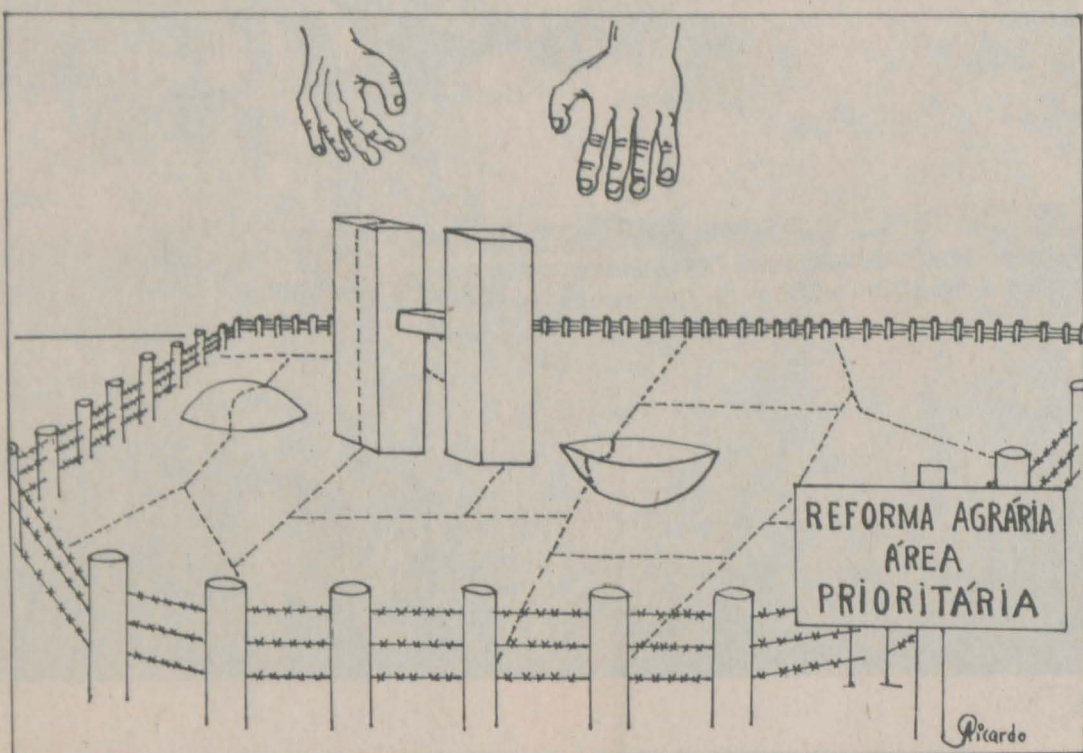
O GREC — Grupo de Resgate e Exploração de Cavernas que existe desde 1984, vai explorar a maior gruta da América do Sul, a gruta São Mateus, localizada no estado de Goiás, com extensão de 21.500 metros, de formação calcárea. Artur Cézar, Vitor Galante — estudante da UnB, Athos Alexandre — secundarista — e André Diniz — cadete da Academia do Corpo de Bombeiros do DF — se preparam com muitos exercícios físicos desde o início do ano para a exploração que vai durar 3 dias,

quando as belezas naturais serão fotografadas para posterior exposição na BCE. O GREC parte dia 12 de julho, e retorna dia 19 de julho.

O grupo precisa de material indispensável à exploração sem risco. Quem estiver interessado em patrocinar o empreendimento, telefonar para Artur Cézar — 577-1613 — ou Athos Alexandre — 568-3565. Toda força é válida. (Ana Helena Rossi).

Núcleo de literatura

Está funcionando, desde o dia 1º de junho, o Núcleo de Literatura da UnB. O objetivo da iniciativa é incentivar a criação artístico-literária e desenvolver a interação entre as pessoas interessadas pela área. Estão programadas atividades com debates, recitais de poesia e uma oficina de criação literária. As reuniões acontecem sempre às quintas-feiras na sala B2-4, às 12 horas, e já contam com a participação de 17 pessoas entre professores, funcionários e estudantes. Um dos participantes mais é nada menos que o reitor-escritor Cristóvam Buarque. Maiores informações podem ser conseguidas com Ana Virginia no SEC — Apoio Artístico e Cultural, no subsolo do minhocão. O núcleo está aberto a toda a comunidade universitária. (Eumano Silva).



Constituinte

Entidades de classe e frentes partidárias já se mobilizam diante de novas expectativas de vitórias ou derrotas na Comissão de Sistematização. Numa ânsia de angariar adeptos às suas idéias, os progressistas tentam esclarecer a população, que segundo a Fenaj, não vem sendo bem informada pela imprensa, pois esta tem evitado temas polêmicos como o da Reforma Agrária ou do Conselho de Comunicação. Em áreas privilegiadas, que numa primeira fase conseguiram ver aprovadas a autonomia do DF e reivindicações antigas de trabalhadores, a luta contra conservadores continua.



Reforma Agrária avança como carangueijo

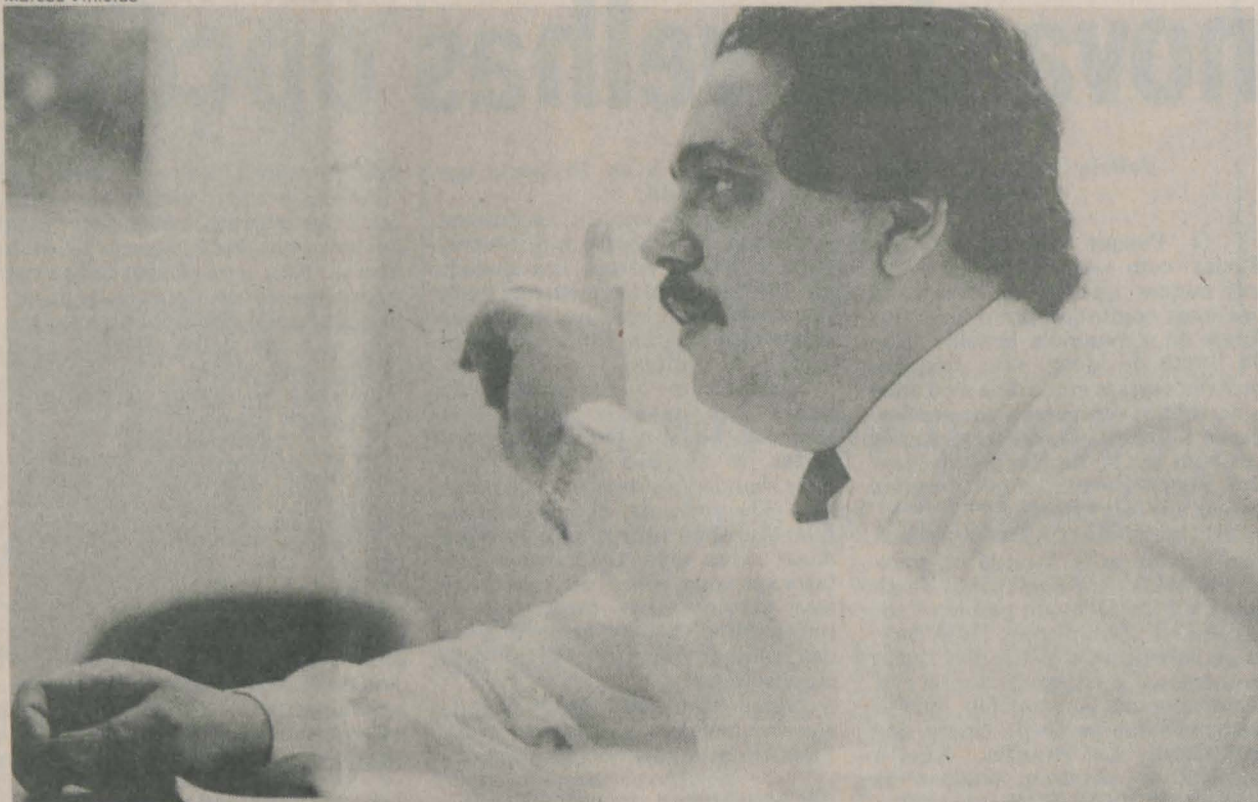
Marden Elias
Mário Tafuri

Mais de um milhão de assinaturas subscrevem a proposta de emenda popular ao projeto de Constituição, que define a implantação da reforma agrária. A aprovação da emenda é a última esperança de sete milhões de famílias que continuam sem terra e única solução para êxodo rural, aumento da produção agrícola, minimização da violência no campo e principalmente maior distribuição de riqueza.

A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) e a Associação de Reforma Agrária (ABRA) repudiam o tratamento que a reforma agrária recebe no anteprojeto da comissão de Ordem Econômica, considerando-o muito aquém do Estatuto da Terra. Além de deplorar a atitude da ala conservadora do PMDB, responsável pelo retrocesso, o coordenador da ABRA em Brasília, Oswaldo Russo, apontou a contradição existente entre o anteprojeto da comissão de Organização Social, que estabelece que todo trabalhador rural tem direito à propriedade da terra, e o da comissão da Ordem Econômica. Ele acredita que na comissão de Sistematização, o deputado Bernardo Cabral, encontrará um meio termo capaz de amenizar a situação do homem do campo e da sociedade brasileira.

Para o Secretário Geral da CONTAG, André Montalvão da Silva, os problemas do campo exigem a implantação de uma reforma agrária efetiva que respeite no mínimo quatro dos 17 artigos presentes na proposta de emenda popular: 1 - Ao direito de propriedade rural corresponde à uma obrigação social. 2 - A indenização de terras desapropriadas deve ser paga em títulos de dívida agrária. 3 - O imóvel rural terá o seu domínio e posse transferidos caso permaneça inexplorado durante três anos consecutivos. 4 - O limite da propriedade não deve

Marcus Vinícius



Oswaldo Russo — ABRA — aponta contradição no tratamento dado à Reforma Agrária

exceder 60 módulos. André Montalvão se sente traído pelos constituintes que esqueceram seus discursos e compromissos assumidos em praça pública. "Com esse anteprojeto, eles conseguiram ser piores do que os militares. Na verdade, a derrota da sociedade brasileira, na Constituinte, começou após a eleição de 15 de novembro."

CNA E UDR

O presidente da Confederação Nacional de Agricultura (CNA), Flávio Brito ex-senador do PDS, não acredita que a reforma agrária seja um pressuposto básico para um maior desenvolvimento e distribuição de riqueza do país. A CNA se posiciona contra a limitação da propriedade da terra por considerar que isso vai contra um princípio do capitalismo: o

livre crescimento. "Ao invés de dispendir recursos numa reforma agrária, o governo deveria oferecer maior assistência ao homem do campo." Satisfeito com o anteprojeto da comissão econômica, o senador lembrou que os objetivos da CNA e da UDR são os mesmos e que o proprietário rural não abre os braços para impedir o crescimento do trabalhador rural. "Os problemas do campo devem ser resolvidos entre os trabalhadores e proprietários rurais, que são quem realmente entendem do assunto" - acrescentou Flávio Brito.

Almir Ferreira Barros e Francisco Sales, presidente das Federações dos Trabalhadores da Agricultura do Pará e do Maranhão respectivamente, não creem na aprovação de uma refor-

ma agrária satisfatória pela Constituinte e apontam a UDR como seu grande adversário.

A reforma agrária consiste essencialmente na transferência da propriedade da terra de um grupo social para outro. A implantação da lei programatória (Estatuto da Terra) em 1964 já estabelecia que a propriedade que não cumprisse com sua função social fosse desapropriada e atribuída a outro. André Montalvão acredita que caso não seja admitida pela Constituição, a reforma só será implantada através da luta armada. Para Almir Ferreira Barros, que vive na região de conflitos do Araguaia e se diz marcado para morrer, a luta já começou há mais de vinte anos e não é o trabalhador que vem ganhando

Quanto à remuneração, o empresário Cássio entende que não se pode remunerar da mesma forma pessoas desiguais e que ao melhor funcionário tem que ter a contrapartida do melhor salário, sob pena de cair por terra o elemento básico do funcionamento de uma empresa, que é a eficiência das pessoas. O presidente da FIBRA finaliza afirmando que a estabilidade, do modo como está sendo prevista, afeta o dia-a-dia de cada um de nós, no caso, por exemplo, de não se poder despedir uma empregada depois de três meses.

“É como se você amarrasse um boi e desse a ele total liberdade de pastar, só que a liberdade é de dois metros de corda, ou seja, a mesma coisa que eles estão fazendo com a gente: dão tudo hoje para tirar amanhã.”

(Chico Vigilante, CUT-DF)

Marcus Vinícius



Mais duas chances para o Conselho de Comunicação

Ricardo Miranda Filho
Adriana Vasconcelos

Enquanto a maioria conservadora da Comissão da Família, da Educação, Cultura e Esportes, da Ciência e Tecnologia e da Comunicação conseguia rejeitar os dois substitutos do relator Artur da Távola (PMDB-RJ), e derrubar entre outras, a idéia da criação do Conselho Nacional de Comunicação, duas entidades contabilizavam vitórias e perdas na luta por seus interesses. A Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), que prega a democratização do controle dos meios de comunicação, reclama da influência do poder econômico e da pressão política do executivo sobre os constituintes. A Associação Brasileira das Empresas de Rádio e Televisão (ABERT) reconhece que o atual sistema de concessões de canais de rádio e TV não é perfeito, mas questiona a representatividade do Conselho.

A constituinte Sandra Cavalcanti (PFL-RJ) culpa "pessoas treinadas e agitadores profissionais" pelo impasse na Comissão Temática que resultou na impossibilidade de se aprovar um relatório para encaminhar à Comissão de Sistematização. A deputada foi encarregada de elaborar o projeto que os membros da comissão não conseguiram votar, mas preferiu enviar o relatório recebido do presidente da comissão. "O presidente Marcondes Gadelha poupou os membros da sistematização do trabalho de ir buscar os rescaldos do incêndio", comparou Sandra. O relatório contém um texto elaborado pelos 37 constituintes que rejeitaram a proposta do relator, além do segundo substitutivo de Artur. O documento dos conservadores desfigura a proposta inicial, não mencionando o Conselho de Comunicação.

"Contamos com a participação popular", confia o vice-presidente da FENAJ, Chico Santana. O Conselho, segundo a entidade, deveria assessorar o Congresso na definição das concessões. Ele reclama da grande imprensa, principalmente Rede Globo e Editora Abril, que estariam evitando cobrir o tema com idoneidade. Santana volta suas baterias contra os parlamentares vinculados diretamente às empresas do setor de comunicação e outros de ideologia volátil, cujos interesses flutuam conforme o momento. Cita o exemplo do deputado Aloísio Vasconcelos (PMDB-MG), que antes de ser eleito assinou um documento se comprometendo a defender a criação do Conselho de Comunicação e que, no dia da votação na subcomissão, após receber um ameaçador telefonema do governador mineiro Newton Cardoso, preferiu rever seu voto.

Abert

Para o vice-presidente da ABERT, Fernando Ernesto Correa, diretor da Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS), o sistema atual permite que haja manipulação, já que "a vinculação reduz a independência crítica do rádio e da TV em relação ao poder Executivo, ensejando a autocensura". No entanto, Fernando duvida que um conselho possa ser representativo da sociedade na sua integridade e escapar dos grupos de pressão. Ele sugere que o Congresso referende as concessões.

A deputada Sandra Cavalcanti discorda e pensa que o ideal é que as concessões passem pelo crivo da comunidade através de um conselho "independente por si só". Do seu ponto de vista, a principal função do conselho, além de outorgar as concessões, seria a de fiscalizar os concessionários para saber se "quem recebe tal benesse põe isso ou não a serviço da comunidade", caso contrário deve "ter o poder de mandar fechar, retirar do ar, transferindo o canal para um outro grupo".

Autonomia no DF: muita polêmica e divergência

Ana Helena Rossi

A luta pela autonomia política do Distrito Federal é uma antiga reivindicação da população local. As lideranças políticas formaram o Comitê Pró-Diretas, frente suprapartidária composta de mais de 20 partidos, além dos sindicatos, cuja proposta é a luta por eleições diretas para governador e vice-governador, e a criação de Assembleia Legislativa. O Comitê formalizou sua proposta, defendida durante audiência pública na Constituinte.

Relatório

O relatório do deputado Sigmaringa Seixas PMDB-DF, aprovado por unanimidade pelos membros da Comissão da Organização do Estado, garante eleições para governador, vice-governador e deputado à Câmara Legislativa. A Lei Orgânica abre a "possibilidade de descentralização do JF via criação de conselhos comunitários nas satélites", afirma Sigmaringa. No entanto, reconhece que suas prerrogativas não estão definidas. O relator da Comissão, senador José Richa, propôs alterações não apenas semânticas no texto inicial de Sigmaringa: governador, vice-governador e deputado distritais, Câmara Legislativa ao invés de Assembleia e alteração do número de deputados.

Divergências

Garantida a autonomia política, as divergências continuam. De um lado, o PT e o PC do B encabeçam a lista dos partidos que afirmam que a proposta aprovada é uma "nova divisão administrativa, e não político-administrativa", conforme avalia Arlete Sampaio, presidente do PT-DF. Do outro lado, o PMDB, o PFL, o PDT e o PSB, dentre outros, concordam com o relatório.

Básicamente, as divergências giram em torno da transformação do DF em Estado, da municipalização e do termo "distrital". Cada grupo defende suas posições com argumentos consistentes. Segundo o PC do B, em sua sugestão n° 1.460, distribuída entre os parlamentares, "o novo Estado do DF passa a ter uma vida econômica própria, não mais dependendo do imposto sobre as importações do trigo, que contribui com 12% do orçamento do DF". Alvaro Paim, presidente de honra do PDT, pondera que o DF apresenta uma situação sui-generis por sediar o Governo Federal, o que precisa ser levado em conta.

A municipalização é outro espinho. Para Arlete Sampaio, a municipalização das satélites significa "democratizar, de fato, o DF conferindo autonomia efetiva à população". Na visão de Sigmaringa, municipalização só ocorre quando existe Estado, o que não é o caso do DF. Além disso, as satélites transformadas em municípios se empobreceriam, já que os municípios cobram dois tipos de impostos: o de serviços, que incide sobre os profissionais liberais, e o IPTU, sobre os imóveis. Conclui: "Que tipo de arrecadação teria a Ceilândia?". E o termo "distrital" completa a lista das divergências. Arlete é incisiva: "O termo não esclarece nada. Refere-se ao Distrito Federal, questão semântica apenas, ou ao tipo de sistema eleitoral, nesse caso questão política?". Sigmaringa rebate dizendo que os deputados serão eleitos pelo voto proporcional e não distrital.

Policías

Apesar dos pontos de vista conflitantes em muitos aspectos importantes da proposta, as divergências diminuem consideravelmente quando se trata de estabelecer a relação entre autonomia do DF e controle das Polícias Civil e Militar. Sigmaringa explica que é vital o DF controlá-las. "Mas entendemos a necessidade do Governo Federal controlar a Polícia Militar, já que Brasília é capital da República e território neutro", finaliza.

Trabalhador garante conquistas na Comissão da Ordem Social

André Camargo
Raquel Flores

A Comissão da Ordem Social foi uma das únicas comissões que conseguiu mudar o perfil conservador do primeiro rascunho da nova Constituição. Prova disso foi o êxito dos membros progressistas dos partidos minoritários (PT, PDT, PC do B e PTB) naquela comissão que, aliados à corrente mais progressista do PMDB, garantiram, na segunda fase da Constituinte, as reivindicações dos grupos trabalhistas em defesa dos seus direitos.

Apesar desses avanços da Comissão da Ordem Social, como o direito à estabilidade no emprego após os 90 dias de trabalho, a redução da jornada de trabalho de 48 horas semanais para 40 horas (semana inglesa), o direito de greve com a responsabilidade de manutenção do funcionamento dos serviços essenciais nas costas dos próprios trabalhadores, o Fundo de Garantia do Seguro Desemprego garantindo os recursos para o seguro desemprego e a sindicalização dos servidores públicos, nem todos os setores acreditam nos resultados da Constituinte, como é o caso do presidente da CUT-DF, Chico Vigilante. Para ele, a verdadeira Assembleia Constituinte virá somente após as eleições para presidente da República, pois "esta que está aí não representa os nossos interesses". Ele explica que a Constituição será a média dos pensamentos dos parlamentares e pela média, a esquerda é amplamente minoritária, ou seja, "das conquistas de agora dos direitos dos trabalhadores não passará nada na Plenária".

De acordo com Chico Vigilante, outro problema que os direitos dos trabalhadores enfrentarão é a Lei Complementar, pois, enquanto a Constituição aprova os princípios que regerão as leis no País, as leis complementares é que dirão como estes princípios serão colocados na prática. "Precisamos ter a clareza de não mentir para a classe trabalhadora — alerta Chico — pois as Leis Complementares

barrarão tudo o que passou por consenso na Constituinte, e a direita vai agir neste ponto, tirando amanhã tudo o que passou hoje".

Empresários

Nos meios empresariais, segundo o presidente da Federação das Indústrias de Brasília (FIBRA), Cássio Gonçalves, "a repercussão quanto aos primeiros resultados da Constituinte é de apreensão, pois há propostas que não têm nenhum embasamento realista, são frutos de um idealismo muito grande e não se aplicam às condições locais do Brasil, ao nosso estágio de cultura. Talvez em um futuro bem próximo elas sejam possíveis de ser aplicadas, mas no momento ainda não o são".

Um exemplo de proposta inaplicável, de acordo com o presidente Cássio, é o caso das férias em dobro: "Na atual situação econômica do País, isto é impossível". Outra amostra de inviabilidade é a redução de 48 para

40 horas de uma hora para outra, pois "a nossa estrutura empresarial não tem condições de absorver um aumento dessa ordem de uma vez só". Ele explicou que a redução da jornada de trabalho é uma meta alcançável, mas a médio prazo, porque se mudar de uma vez só, vai haver um aumento da produtividade ao lado de um acréscimo de custo que serão repassados para o aumento dos produtos, o que não será bom para a sociedade e quem perde é a nação como um todo e não a classe industrial.

No parque Rogério Pithon Farias diversão é o que não falta. Chova ou faça sol, sempre se dá um jeitinho para se divertir democraticamente sem disputas entre seus frequentadores, o que não acontece no seu vizinho, o Congresso Nacional. Mesmo estando no Centro das Decisões, o Parque permanece neutro e não é dinheiro e nem influência política que o eleva à categoria de "Centro da Diversão Brasileira", mas sim, seus frequentadores de diferentes classes, idades e gostos, pois no Pithon o que conta mesmo é disposição e alegria.



João Carlos Fontoura

Tocantins será uma novidade na Festa

Aliene Coutinho
Valéria Borges

Até o Estado de Tocantins, que ainda nem existe, participará este ano da tradicional Festa dos Estados no Parque Rogério Pithon Farias nos dias 26, 27 e 28 de junho.

A Festa dos Estados é organizada pela Casa do Candango, que por definição de sua presidente Maria de Lourdes Cunha, tem como função social a "promoção humana". Não é uma casa de caridade, nem de assistencialismo. A Casa do Candango ano passado arrecadou três milhões, 490 mil cruzados e este ano pretende arrecadar 10 milhões de cruzados. Com este dinheiro, a entidade mantém um asilo com 60 idosos e três creches que funcionam no prédio da administração e uma na Ceilândia, somando quatro creches que atendem 800 crianças. E cada criança tem um gasto mensal de aproximadamente 900.

As líderes das barracas não recebem absolutamente nada para trabalhar na festa. São voluntárias que geralmente têm trânsito político e social muito grande. Elas ficam responsáveis pelos trabalhos artesanais e pela contratação de pessoas que trabalharão na festa promovendo os Estados.

Os Estados do Rio de Janeiro e Pará não participarão da festa, pois, como afirmou a presidente da Casa do Candango, "não houve apoio efetivo dos respectivos governos". Ela disse ainda que apesar de todas as dificuldades pelas quais tem passado o povo nordestino, os Estados da região marcarão presença: "O coração

do Nordeste é maior que a miséria que assola seu povo". Um exemplo disso é a barraca da Paraíba, que trará o Forró do Campina Grande, o que muito provavelmente se tornará a maior atração da festa.

Dos 40 estandes montados no Parque, sete pertencem à Barraca de Brasília, que por sinal, é a única que não reverte sua verba para a Casa do Candango. Este dinheiro vai para obras assistenciais da primeira dama da cidade, d. Leonor de Oliveira.

Uma outra atração tradicional da Festa é o estande da Rede Globo, que pertence à Barraca de Brasília e traz, além de muitas novidades, artistas reconhecidos pelo público. É o único meio de comunicação que participa da festa, e sua renda em vendas de discos é revertida também para as obras da primeira dama.

A Rede Manchete tentou este ano montar um estande na festa, mas segundo Maria de Lourdes Cunha, "o espaço vem se tornando cada vez menor", e com isso a Manchete acabou ficando fora da 27ª Festa dos Estados. E o público, mais uma vez, terá que embarcar na "onda global".

A Barraca de Brasília traz o estande da Rede Globo, como uma de suas maiores atrações. A Manchete não conseguiu espaço na Festa. É mais uma vez o público sai perdendo, pois quem não pega a "onda", acaba levando um "tubo".

Parque da Cidade é a mais nova das velhas opções

Valéria Cristina Castanho
e Astrid Carvalho

O Parque Rogério Pithon Farias, com seus 4 milhões e 200 mil metros quadrados, está cada vez mais cogitado para o lazer dos finais de semana em Brasília. Não há limite de idade, seus frequentadores variam entre dois a 80 anos e há espaço e diversão para todos, desde aqueles que queiram tomar um bom banho de piscina ou fazer um piquenique até os que desejam pescar um peixe fresco.

Antigamente, o Parque estava sempre deserto, e somente os constantes shows e a tradicional Festa dos Estados levavam os brasilienses até o Pithon Farias. Hoje, basta se constatar o fluxo dos finais de semana e mesmo durante a semana, para se concluir que o parque já faz parte da rotina dos habitantes de Brasília. Ali, é possível se reunir pessoas de diferentes classes, idades e hobbies sem a menor dificuldade, pois há gosto para todos.

Para quem não é sócio de nenhum clube na cidade e também quer frequentar uma boa piscina, uma opção é a piscina de ondas — a única deste tipo na América Latina. Outra opção é o Pesque Parque, onde se pode pescar três tipos de peixe — o carpa espelho, o tucunaré e o tilápia — pagando por isso apenas 100 cruzados o quilo. Os peixes vêm diretamente de um critério particular em Luziânia, onde são acompanhados desde 1976, quando veio o primeiro casal de Israel. Para os namorados, uma boa pedida são os pedalinhos do Divertiparque, muito frequentados pelos casais que preferem ficar longe da multidão.

O Parque oferece também uma vasta área verde, que serve como quadras de jogos — vôleibol, handebol, tênis, futebol —, ciclovia e 55 churrasqueiras de alvenaria para aqueles que querem se divertir em grupo num belo piquenique ou num bom churrasco.

O Pithon Farias conta, inclusive, com um Posto Médico, onde dois médicos se revezam em horário comercial durante a

semana e de 8 às 18 horas nos finais de semana.

Porém, sem sombra de dúvida, o Parque do Foguete é o símbolo vivo do Pithon Farias. Inaugurado em 1969, quando tudo em sua volta era ainda mato, ele continua sendo frequentado pelos filhos dos seus antigos visitantes.

Junto com o Parquinho, um casal que está lá desde sua inauguração: é o seu Edson, vendedor de algodão doce; e Dona Nair, vendedora de pipoca. Ambos com 60 anos hoje, não cansam de falar que não sabem como seriam suas vidas sem o dinheiro que faturam todo mês. "Se não fosse esse parque, eu já teria passado muita fome. Minha sorte é viver das minhas pipocas e do meu algodão doce".

Seu Edson acha que o Parque só é frequentado por moradores do Plano Piloto, pois não há linhas de

ônibus que cheguem até lá. "Deveria voltar o trenzinho", afirma ele. Porém, com ou sem críticas, ele acha que o Pithon Farias está crescendo cada vez mais e ele pretende continuar acompanhando seu desenvolvimento até que se torne velho demais, para vender seus doces. "Eu vou sair daqui não, só depois de morto. E depois, sair pra onde?"

Administração

Pias quebradas, banheiros sujos, lixos espalhados, esses são alguns dos problemas que a administração enfrenta logo após as visitas dos seus frequentadores. Segundo a assistente da administração do Parque, Neuza Clara Lima, o Parque foi feito para todos, mas as pessoas deveriam cuidar mais da área que usam como se fossem delas, "e isso não vem acontecendo". As latas de lixo estão em todo o parque, e mesmo

assim não adianta, pois as pessoas, principalmente os que fazem piquenique, insistem em deixar sujo o local que usam.

A verba que o GDF cede para o Parque é toda usada na recuperação e conservação da área. Somente 35 funcionários trabalham na limpeza. Os vigilantes estão sempre circulando para evitar o quebra-quebra das churrasqueiras. Todos os vendedores ambulantes são cadastrados e licenciados pela administração, para maior segurança do Parque.

Os eventos culturais e desportivos são uma atração à parte para todos aqueles que estejam a fim de divulgar o seu trabalho. Sendo assim, qualquer grupo teatral ou musical pode se candidatar, desde que atenda os pré-requisitos da administração; ou seja, proporcionar lazer aos seus visitantes.

João Carlos Fontoura



Vindo para Brasília do Paraná, onde fugia da Revolução de 64, Seu Edson começou a trabalhar no Parque em 69, quando tudo em sua volta era mato.

Durante a Festa dos Estados, escola é obrigada a se instalar nos boxes do autódromo PROEM em ritmo de aperto

Andréa Quintiere

"Todo ano, nessa época, é a mesma loucura". Com estas palavras a coordenadora pedagógica da Promoção Educacional do Menor (PROEM), Selene Dias, definiu a situação desta escola, que todos os anos arruma as suas trouxas e abandona as instalações do Parque Rogério Pithon Farias para que a Festa dos Estados possa ser realizada, cumprindo, desta forma, o convênio entre a Novacap e a Fundação Educacional. Pelo convênio, a escola deve desimpedir a área 15 dias antes da Festa, podendo

Marcus Vinícius

retornar uma semana depois do evento. E é aí que começa a loucura: para onde vai o PROEM?

No ano passado não houve muitos problemas, pois a escola se instalou na Churrascaria do Parque, que estava desativada. Como agora ela está em funcionamento, surgiu a ideia de utilizar o Centro de Convenções. Mas uma exposição, que não estava programada no calendário, atrapalhou os planos de mudança. Com pouco tempo para procurar outro local, o PROEM quase foi parar no Camping de Brasília. Até que apareceu a possibilidade de

ocupar os boxes do Autódromo. A mudança foi feita em apenas dois dias graças ao mutirão de alunos, professores e funcionários. Deixaram no Parque apenas a cozinha, que fica num lugar mais afastado e não atrapalha a Festa dos Estados.

A mudança não agradou. "Lugar de garagem não é lugar de estudar", diz a aluna Adriana Apolinário, de 11 anos, que mora na Ceilândia Norte. Ela reclama principalmente da sujeira e da falta de conforto do Autódromo. Mas a grande maioria reclama mesmo é da distância, embora três kombis estejam fazendo várias viagens

para transportar os alunos, facilitando um pouco o problema do acesso.

Mesmo assim, muitos não usam as kombis, como é o caso de Elizabeth de Oliveira, de 15 anos, que mora em Céu Azul, Goiás. Todo dia ela e o irmão caminham da Rodoviária até o Autódromo. Este fato preocupa a direção do PROEM, pois para chegar ao Autódromo é preciso atravessar ruas perigosas, como o Eixo Monumental. "Aqui a falta de segurança é grande", afirma a coordenadora.

Dificuldades

O improviso é total, mas para Selene o importante é que a escola continue funcionando, mesmo com as dificuldades. E elas são muitas. Mesas, cadeiras e máquinas se quebram todos os anos e, agora, até mesmo a alimentação se transformou num problema, pois como a cozinha continua no Parque, as kombis têm que buscar as refeições, fazendo três viagens diárias.

Para os professores, a situação também não é das melhores. Por mais que eles se esforcem, muitas atividades estão sendo prejudicadas. Como é o caso da Oficina de Marcenaria, onde os alunos e o professor se misturam com pilhas de madeira, mesas quebradas, caixas e serrões. Mal sobra espaço para trabalhar. O mesmo acontece com a Oficina de Artes Práticas onde convivem, num minúsculo box, alunos de cerâmica, tapeçaria, bordado e couro. Uma verdadeira "salada" de materiais espalhados pela mesa. Os banheiros também não são dos melhores, com portas e vidros quebrados. Não há conforto para ninguém. "Aqui só é bom pra

carro", afirma a aluna Dilmária Zacarias de Souza, 13 anos, que mora na Expansão do Setor O.

A opinião unânime é de que o PROEM deveria ter uma sede própria para evitar os transtornos de todos os anos. Para Selene, a construção de uma sede para o PROEM não deve ser responsabilidade apenas da Fundação Educacional. "O PROEM envolve também um problema social. Neste sentido, deveria haver a colaboração de órgãos públicos como a Funabem, a Secretaria de Assistência Social e, até mesmo da Novacap, que poderia indicar uma área para a instalação definitiva da escola". Ela tem consciência de que este problema não será resolvido da noite para o dia, pois existem outras prioridades aqui em Brasília.

O secretário da escola, Carlos Antônio Reis, que está no PROEM desde a sua fundação em 1981, acha que a Fundação teria condições de construir a sede a baixo custo, utilizando pré-moldados, assim como foi feito nas novas escolas da Ceilândia. A opinião da professora Ruth Fernandes de Carvalho parece refletir um descaço do GDF nesta questão: "No dia em que Brasília tiver um governador eleito pode ser que haja um maior interesse pelo problema do PROEM e do menor carente".

Pelo visto existem mesmo outras prioridades para o nosso governador, a exemplo do Panteão da Liberdade e da Pira que, consumindo 600 mil cruzados por mês, ajuda a compor mais uma (in)útil estrutura na cidade: o Conjunto Cívico. Enquanto isso, as crianças do PROEM continuam de galho em galho, da Churrascaria para o Autódromo, até a próxima corrida... E agora, José?

Escola respeita individualidades

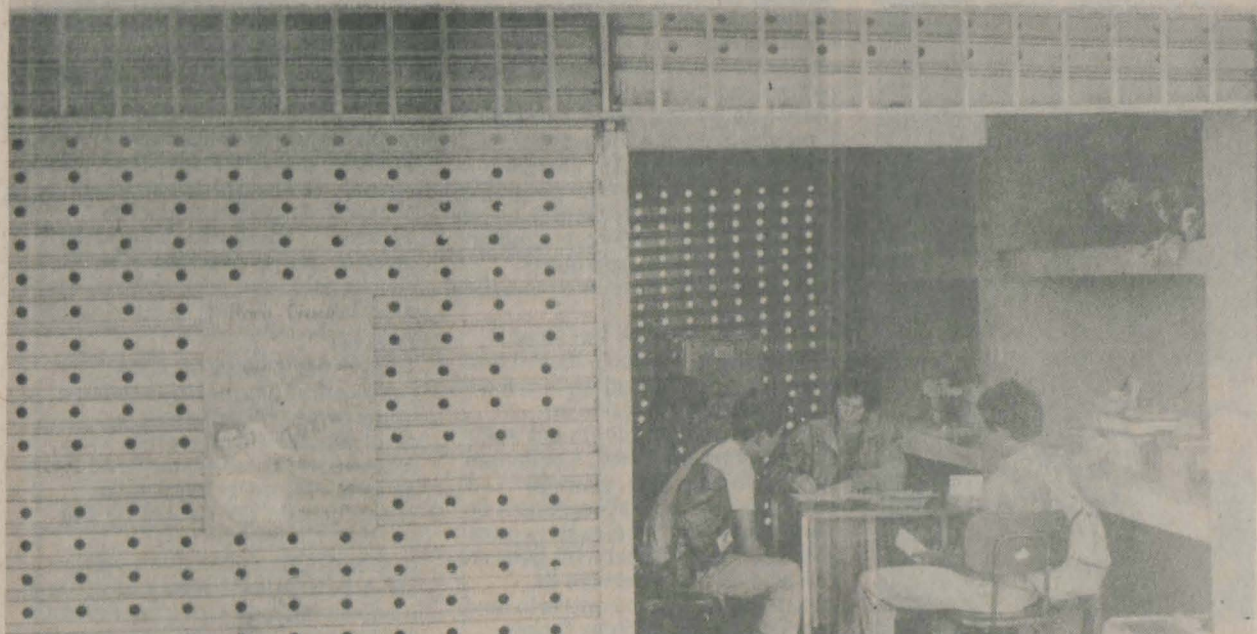
O PROEM é um projeto experimental de "escola aberta", que funciona no Parque Rogério Pithon Farias e destina-se ao atendimento educacional, a nível de 1º grau, do menor carente que trabalha, ou que tem necessidade de trabalhar. O alto índice de repetência do ensino regular, a metodologia e o conteúdo deste ensino, bem como as elevadas taxas de evasão, foram levados em consideração no momento de criação do PROEM, uma iniciativa nova que, do ponto de vista pedagógico, procura vincular a educação e o trabalho, visando uma profissionalização.

O ALUNO DO PROEM é caracterizado pela carência e pela defasagem idade/série. A idade mínima para a matrícula é 10 anos e o limite máximo permitido é 18 anos. Nesta escola, o ensino é individualizado e respeita as diferenças e dificuldades de cada um. Não existe ano letivo e o aluno passa de uma série para a outra a qualquer hora, de acordo com a avaliação do professor no seu acompanhamento diário. Além disso, as matérias são independentes e a palavra repetência não aterroriza mais, pois o aluno pode estar na 5ª série em matemática e na 7ª em geografia. Embora seja uma "escola aberta", existe um rigoroso controle de faltas.

Duas vezes por semana é realizada a Hora Cívica, na qual participam todos os professores e alunos debatendo temas da atualidade e de interesse coletivo. Desta forma, procura-se desenvolver a capacidade de raciocínio, o exercício da palavra, a participação e o senso crítico.

A escola busca, ainda, introduzir novos tipos de linguagem, proporcionando atividades de artes plásticas, artes cênicas, dinâmica de grupo, música, dança, marcenaria e outras. Nesta linha, que visa basicamente uma educação completa, os professores acompanham e participam também dos horários de refeição, banho e do lazer.

Apesar de contar com o apoio da Fundação Educacional, o PROEM enfrenta algumas dificuldades, sendo que a mais grave é a falta de uma sede própria.



Salas apertadas e muito improviso. Apesar das dificuldades, o PROEM continua funcionando



Cidade

A transferência da capital para o Centro-Oeste foi uma verdadeira epopéia na visão de Felinto Epitácio Maia. A região era isolada e foi necessário construir uma infra-estrutura viária que ligasse a cidade às demais, como Uberaba, São Paulo e Rio de Janeiro. No começo, a falta de conforto era muito grande. Poeira e lama era o que mais existia na cidade nova, mas os funcionários não desanimaram. Hoje, Brasília cresceu e tem problemas como qualquer outra.

Trânsito na cidade mata cada vez mais

Ruth Frota

O comportamento inadequado no trânsito tem reservado a Brasília um lugar de destaque na lista das capitais com maior número de acidentes: 90 por dia. Os exemplos vão desde o motorista que dirige desatento, fatigado, que usa remédios controlados e insiste em guiar seu carro, até o indivíduo que dirige sem a totalidade de seus reflexos por estar bêbado ou drogado.

Em 1986, das 25 mil vítimas fatais em todo o país, 430 eram de Brasília. Esse panorama vem preocupando o Diretor Geral do Detran-DF, Jonas Torraca, que acusa a legislação de ultrapassada (o código do trânsito é de 1968) e branda na punição das infrações, com multas insignificantes. Para o excesso de velocidade e avanço de sinal, por exemplo, as multas são de 35% do MVR (Maior Valor de Referência) que não ultrapassa Cz\$ 270,00. A multa aplicada ao estacionamento irregular não excede a 10% do MVR, ou seja Cz\$ 75,00.

O procedimento para multar quem dirige alcoolizado é um dos casos onde a burocracia atrapalha: a delegacia precisa remeter um ofício ao IML, requisitando um exame de grau etílico no infrator para, só depois de comprovado o seu estado de embriaguez, puni-lo.

O Denatran, órgão coordenador de todos os Detrans, reunido em meados de junho, decidiu implementar também o seu lobby junto a dois parlamentares, antigos diretores de Detrans, para que esclareçam a seus companheiros constituintes a necessidade de uma reformulação emergencial nas leis de trânsito brasileiras, introduzindo na legislação maior rigor, a que se possa coibir melhor os abusos ao volante.

Quanto aos furtos de veículos, que em Brasília ocorrem na proporção de 10 por dia, a polícia recupera quase 60% incluindo os automóveis que são encontrados "só na carcaça". No entanto, um grande avanço no combate a esse tipo de roubo é a introdução da informática nos diversos detrans.

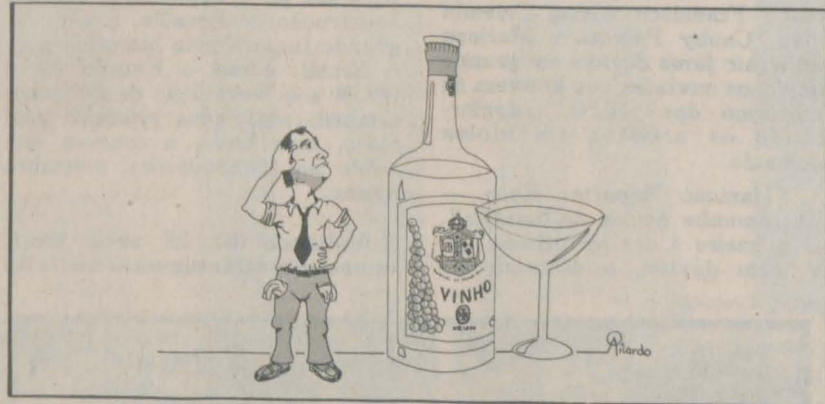
Quando todos estiverem interligados, possibilitarão uma localização rápida do veículo furtado ou com documentação irregular, mediante o envio imediato ao Detran solicitante do registro do veículo automotor ou do certificado de habilitação de quem o possui. Por enquanto, apenas os Detrans de Brasília, São Paulo e Paraná estão aptos a oferecer tal serviço.

De acordo com Jonas Torraca, os problemas no tráfego resultam da própria expansão da Capital, projetada para ter 500 mil habitantes uma frota de 40 mil veículos. Hoje, Brasília agrega 1.700.00 habitantes com 350 mil veículos cadastrados. Isso sem levar em conta a frota flutuante. "Quando imaginaram Brasília, esqueceram o pedestre", afirma o diretor do Detran-DF, lembrando que o traçado da Capital estimula a alta velocidade, através de suas vias de escoamento rápido.

Apesar da estrutura de Brasília não comportar todo esse tráfego, diversas melhorias foram sugeridas à Secretaria de Viação e Obras, objetivando minimizar a falta de estacionamento e os acidentes, que há anos vêm transformando a vida dos brasilienses. "Sugerimos ampliar os estacionamentos às áreas verdes do SCS e por trás do comércio das entrequadras, além de propagarmos a ideia de se construir passarelas na Estrada Parque e no Eixo Monumental, para que se evite o aumento do número de acidentes", esclarece Jonas Torraca.

No Detran-DF, os recursos para patrulhamento resumem-se a 70 agentes, que exercem sua função muitas vezes a pé. No início de julho, 100 agentes deverão ser incorporados ao quadro. Mesmo com carência de equipamentos — o Detran possui apenas seis radares de medição em todo o Distrito Federal — logo que sejam incorporados os novos agentes, Jonas Torraca pretende intensificar as blitz em vários pontos estratégicos do Plano Piloto e das cidades-satélites.

Memória viva da epopéia



Vinho custa pouco, mas cachaça tem preferência

Delmam Assis

A população do Centro-Oeste e do Nordeste continua tomando cachaça. Porque não toma vinho, a mais nobre e a mais santa das bebidas? Exclamam de Jefferson Andrade, representante da Vinícola Aurora na V Feira do Vinho no Centro-Oeste, à qual Baco, deus do vinho, não compareceu.

A preços módicos, o vinho nacional tem conquistado, a cada ano, o consumidor brasileiro, mas a V Feira não agradou de todo aos produtores de vinho no Brasil e nem a Edison Rangel, representante no Stand de Vinhos Importados. Ele disse que o consumo desse tipo de vinho tem aumentado razoavelmente, principalmente ano passado, na época do primeiro Plano Cruzado, mas a Feira tem dado pouco resultado, devido à falta de público. Fernando, da Vinhedos Mônica, acha que a Feira vai mal em função do aperto geral, além da inconveniência da época de sua realização, pois o pessoal começa a receber a partir do dia 20, quando então termina a Feira e começa a Festa dos Estados.

Rubens Parrilla, diretor da Imagem, promotora da V Feira do Vinho no Centro-Oeste, disse que a Feira é direcionada aos supermercados, donos de bares e restaurantes e ao próprio público do Centro-Oeste que, hoje, ocupa o quarto lugar, com perspectiva

de ir para o terceiro em matéria de consumo de vinho.

A aceitação do vinho brasileiro é de 95%, mas sua produção anual é de 300 milhões de litros, considerada baixa se comparada à da Argentina, que é de três bilhões de litros anualmente. Essa bebida, de uso sagrado ou profano, varia de qualidade, principalmente em função do clima. Se chove muito na época da maturação da uva, a safra não será boa. E o que Júlio Meneguzzo, enólogo — provador profissional de vinhos — prevê para a produção deste ano em Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, capital do vinho brasileiro. Meneguzzo diz que a Embrapa — Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária — da qual ele é técnico, pesquisou as boas variedades de uva do mundo e hoje é a única a vender vinhos de maturação carbônica, com ótima aceitação em Brasília e Bento Gonçalves, onde a Embrapa vende seus vinhos com exclusividade.

Marlene Saraiva, distribuidora da Vinícola Aurora, gosta do público. Com o Katz Wyner, carro-chefe da vinícola, a Cz\$65,00, e o recente lançamento de Keep Cooler (vinho misturado com suco gasificado de frutas cítricas) o consumo tem sido um sucesso, tanto na Feira como no Centro-Oeste.

Nílva Rios

Ele foi um dos principais responsáveis pela transferência da capital federal para o Centro-Oeste. Hoje, já está na casa dos 70 anos, mas possui uma memória tão viva que relata os números envolvidos na construção de Brasília de maneira prodigiosa. Felinto Epitácio Maia foi o primeiro presidente do Grupo de Trabalho de Brasília — GTB, órgão criado em 1960 pelo presidente Juscelino Kubitschek para realizar a transferência administrativa da capital.

Recentemente, foi convidado pelo presidente Raúl Alfonsín para participar do processo de transferência da capital argentina de Buenos Aires para a região da Patagônia, mas, por motivos particulares, não aceitou.

No dia 21 de abril, Felinto Maia, pai do deputado César Maia (PDT-RJ) foi agraciado pelo governador José Aparecido com a Ordem dos Cavaleiros, mas apenas no dia 11 de junho veio receber a condecoração pelo seu trabalho, realizado há "mais de um quarto de século". O que se percebe em conversa informal com este homem é que medalhas não lhe interessam muito, mas sim certas atitudes de nossos governantes.

Na sua opinião, não se deveria destinar as residências oficiais para a realização de projetos governamentais, como por exemplo foi feito com as granjas do Ipê do Torto, respectivamente transformadas em colônia agrícola e clínica para doentes mentais. Para ele, agricultura e saúde são ques-

tões extremamente importantes, mas existem outros locais para isso. O próprio GTB elaborou um projeto agrícola para o DF, mas como tantos outros projetos, foi engavetado.

Preservar a história da cidade é fundamental para Maia. Segundo ele, o que se nota hoje é uma grande preocupação do governo José Aparecido em centralizar os monumentos no Plano Piloto. Recentemente, a praça dos Três Poderes recebeu mais duas obras: o Pantheon e a Pira Simbólica.

Felinto Maia diz que a Brasília de hoje é muito diferente daquela que ajudou a construir. "As superquadras de hoje não são as que conhecemos como lama ou muita poeira e muitas vezes com os apartamentos iluminados a luz de velas, mas isso é normal no desenvolvimento de uma cidade. Aqui se construiu muito."

Atualmente, em consequência dessa urbanização, Brasília possui inúmeros problemas, como falta de moradias, invasões e um excessivo crescimento das cidades-satélites, que deixaram de ser apenas cidades dormitórios para se transformarem em verdadeiros centros comerciais e produtivos, como Taguatinga e Núcleo Bandeirante. Esta cidade, pelo projeto original, ao fim da construção da capital, seria transformada em museu.

Felinto Maia, apesar de sua importância para Brasília, praticamente é desconhecido entre as gerações mais novas, talvez um primeiro resultado do descaso pela preservação da História da cidade.

Controle ambiental é problema grave no DF

Augusto Rodrigues

O Distrito Federal, apesar dos seus vinte e sete anos de existência, apresenta sérios problemas de meio ambiente. Logo depois da construção do Plano Piloto, verificou-se que o limite populacional projetado para 500 mil habitantes estava superado e os primeiros sinais de desequilíbrio ecológico foram surgindo, como a fuga de diversas espécies de animais do seu habitat natural e as primeiras mudanças bruscas do clima.

Um dos maiores problemas de meio ambiente atualmente no DF é o da erosão, mais especificamente nas cidades-satélites de Gama, Ceilândia e Taguatinga. Toda essa população foi assentada em cima de chapadões em que o escoamento dos esgotos se direciona para as áreas mais baixas, provocando o enfraquecimento das bases da chapada.

Um outro problema é aquele que diz respeito à barragem do Paranoá: o próprio governo não conseguiu por um freio nos assentamentos populacionais nessa área, como por exemplo, o Núcleo Bandeirante e o Guará. Essas cidades estão numa área de preservação, e além disso os seus dejetos são jogados no lago Paranoá, aumentando com isso o problema de poluição. Para solucionar essa situação, teriam que se duplicar as estações de tratamento de esgotos e fazer o chamado tratamento terciário.

Hoje as áreas de preservação estão sujeitas a várias modificações, seja através das chamadas "invasões", seja pela especulação imobiliária ou pela utilização dessas áreas para a agricultura. Um bom exemplo disso, é a ocupação do Vale do Rio Preto, que é uma das áreas rurais do DF utilizada basicamente para o desenvolvimento agrícola, onde foi feito um loteamento sem um estudo de controle ambiental. Teria-se que preservar a água e o solo, saber quais os trechos que não seriam utilizados bem como manter determinadas áreas com

vegetação nativa, o que não foi feito.

A captação de água para abastecimento é outro problema grave no DF. Nossa região, por ser alta, não dispõe de um lençol freático abundante como também não temos grandes rios, e toda precipitação pluviométrica tem escoamento para fora do DF. Algumas alternativas já estão sendo pensadas, como, por exemplo, a construção de um novo lago (São Bartolomeu) e também a barragem do Rio Areias, que é outra possibilidade.

Planejamento

Todos esses problemas são agravantes para o desequilíbrio do meio ambiente, onde, segundo o professor Eurico Salviati, do Departamento de Urbanismo da UnB, a fauna e a flora são basicamente ignorados quando se apresenta algum projeto de utilização do solo no DF. Daí a necessidade de se formar um grupo de planejamento ambiental para estudos e acompanhamento constante das questões do meio ambiente, independentemente das vontades dos governantes que por ventura administram Brasília.

Com esse grupo em atuação constante, teria-se condições de se fazer previsões para novas áreas urbanas, expansões agrícolas, construção de áreas industriais, áreas que se deve ou não ocupar e como preservar os recursos naturais (hidricos, vegetação e solo).

Um ponto importante que o professor Salviati critica é que os órgãos de controle do meio ambiente do DF (IBDF, Fundação Zoobotânica, COAMA, CAESB), não trabalham em conjunto, bem como a falta de um ensino de educação ambiental para a população. Esse grupo seria o ponto de integração entre esses órgãos, como também contaria com o apoio da Universidade através do Núcleo de Estudo do Meio Ambiente, que teria a função básica de dar suporte científico nas discussões de controle ambiental, elaboração e acompanhamento de futuros projetos.

A NOSSA RÁDIO ESTÁ POR UM FIO.

Entrega de rádio ao GDF surpreende UnB

14 Brasília segunda-feira, 11 de maio de 1987 CORREIO BRAZILIENSE

Um sistema de rádio foi entregue ao governador de Brasília, Paulo Roberto Campos, em uma cerimônia realizada no Palácio do Planalto, na tarde de ontem. O sistema, que inclui um rádio portátil e um rádio fixo, foi entregue ao governador por um representante do GDF. O sistema foi desenvolvido pelo GDF e é considerado um dos mais modernos do mundo. O sistema foi entregue ao governador por um representante do GDF. O sistema foi desenvolvido pelo GDF e é considerado um dos mais modernos do mundo.

Rádio gera polémica entre UnB e o governo

Um sistema de rádio foi entregue ao governador de Brasília, Paulo Roberto Campos, em uma cerimônia realizada no Palácio do Planalto, na tarde de ontem. O sistema, que inclui um rádio portátil e um rádio fixo, foi entregue ao governador por um representante do GDF. O sistema foi desenvolvido pelo GDF e é considerado um dos mais modernos do mundo. O sistema foi entregue ao governador por um representante do GDF. O sistema foi desenvolvido pelo GDF e é considerado um dos mais modernos do mundo.

Uma rádio alternativa, onde a comunidade participa mesmo. Uma rádio criativa, com uma programação diferente das outras emissoras. Uma rádio que está com a cidade, a serviço dela. Uma rádio educativa e cultural, que abre espaço a novos talentos. E acima de tudo, uma rádio prevista pela lei de criação da Universidade, e que estava quase em nossas mãos. Mas este sonho vai se realizar! Entre no ar e participe do Movimento Pró-Rádio/UnB.



Rádio: ascensão e queda do eterno companheiro

Márcia Binder

Décadas de 40, 50 e 60... Quem viveu nessa época e admira tudo o que é inovador, criativo e personalizado, certamente deve ter acompanhado de perto a chamada época áurea do rádio brasileiro. Uma época em que o rádio despontou como grande veículo de comunicação não apenas pelas distâncias e número de pessoas que podia alcançar, como também pelas informações, divertimento e oportunidade de participação ativa que oferecia aos seus ouvintes. Época que parece não se repetir e que, certamente, deixou saudade.

Saudade é o que não falta ao

radialista Carlos Senna, 58 anos de idade, 32 de rádio e muita coisa pra contar sobre os grandes momentos desse veículo de comunicação. Senna é hoje redator do Departamento de Jornalismo da Rádio Capital, mas começou na Rádio Tupi do Rio de Janeiro em 1955; trabalhou com gente famosa, como o repórter Tico-tico, e foi um dos implantadores do rádio em Brasília, onde chegou em 57. Nessa época ainda não havia nenhuma emissora de rádio aqui e foi Senna quem lançou o "Serviço de Alto-falantes A Voz de Brasília", que funcionava no Núcleo Bandeirante, tocava músicas, fazia comerciais de todos os tipos e dava notícias informativas. De acordo com Senna, as

primeiras emissoras de rádio da capital foram a Nacional e a Alvorada, da qual Senna foi um dos donos.

Nos anos 40 surgiram, no Rio, as grandes sensações do rádio brasileiro: os programas de auditório e as novelas. Cantores como Francisco Alves, Orlando Silva, Cauby Peixoto e Marlene ganharam fama devido, em grande parte, aos ouvintes que lotavam os auditórios das rádios, transformando os artistas em ídolos nacionais.

O famoso Repórter Esso — "Testemunha ocular da história", "O primeiro a dar as últimas" — foi, sem dúvida, o destaque do

rádio jornalismo do passado. O Repórter Esso fez a fama de locutores como Heron Domingues, da Nacional. Carlos Senna se lembra de momentos importantes para o rádiojornalismo, como no final dos anos 50, quando Juscelino Kubitschek entrou no ar em cadeia nacional para explicar ao povo a construção de Brasília. Épocas de grande importância histórica para o Brasil, como o Estado Novo (1939) e a Revolução de 64 foram também noticiadas primeiro pelo rádio, mas havia a censura que inibia as transmissões, relembra Senna.

Voltando há 20 anos atrás, vamos encontrar algumas histórias

do locutor do programa Cidade Aberta, da Rádio Nacional-AM de Brasília, Luis Alberto de Oliveira. Ele começou na Rádio Carajás, numa cidadezinha de Goiás — Anápolis — e ri quando lembra da dificuldade tecnológica que o profissional enfrentava naquela época, "ainda mais numa rádio do interior", Luis conta que, certa vez, o Brasil ia jogar uma partida de futebol na Argentina e a Rádio Carajás não tinha condições financeiras nem técnicas de ir até lá. Solução: Luis entrou no ar dizendo que estava na Argentina, mas na verdade ele transmitiu todo o jogo de um quarto de apartamento em Anápolis, com as informações

dadas pela TV. Luis lembra também que a chegada de alguma autoridade ao aeroporto de Anápolis era transmitida de dentro do estúdio da Rádio Carajás. "A gente colocava papel no ventilador e o som ficava idêntico ao de turbina de avião", conta Luis, com orgulho. "A deficiência tecnológica que hoje não é mais problema, era superada pela criatividade, amor e dedicação dos profissionais". Os antigos dirigentes do rádio entendiam segundo Luis, desde a "ponta da agulha até a ponta da antena" e os radialistas do passado vibravam com o trabalho que faziam, coisa que hoje, na opinião do locutor, quase não ocorre mais.

A mesmice do Rádio Comercial

João Carlos Fontoura

Bem-vindos a 1987, onde o glamour e o romantismo do rádio foram esquecidos no passado. Hoje as 1500 emissoras em funcionamento no Brasil, 1000 em Ondas Médias e 500 em frequência modulada, atuam precariamente na função de prestadora de serviços e de utilidade pública. Essas estações diariamente congestionam o "dial" numa acirrada disputa pela audiência onde a principal vítima é você, caro ouvinte.

A exemplo do que ocorre com o rádiojornalismo, na área de programação em geral, assistimos a uma relativa queda na qualidade dos programas e uma exaustiva repetição de fórmulas que durante certo tempo, criaram a ilusão do sucesso — um aumento da audiência, a popularização dos receptores de OM e FM e, principalmente, um aumento nas vendas publicitárias.

Na opinião do professor Ubirajara Silva do Departamento de Comunicação da UnB, "essa situação é absurda já que não há uma diversificação na programação, proporcional à quantidade de emissoras que temos". Mesmo tendo optado pelo modelo norte-americano de radiodifusão — o estado concede a grupos privados o direito à exploração radiofônica de canais, ao invés do pluralismo — vivemos um processo de homogeneização das estruturas e até dos conteúdos dos programas.

O professor "Bira" destaca a incompetência e a falta de ousadia do Estado e dos empresários que apelam para modelos e gêneros de programação muito semelhantes, reduzindo o espaço e as opções do ouvinte. "A saúde cultural e democrática do rádio está ameaçada graças aos interesses mercadológicos, empresariais e políticos que imperam, em detrimento dos resultados sociais, artísticos e culturais que a radiodifusão deveria proporcionar.

No caso de Brasília e no centro dessa guerra de ondas, ainda encontramos algumas excessões, algumas até folclóricas, como é o caso da Super-rádio Brasília FM, produzida de forma quase artesanal, ou ainda o caso da FM Nacional, dando exclusividade à produção musical brasileira. Mesmo assim, essas emissoras, sucumbem à limitações técnicas, comerciais e políticas. Talvez um fenômeno até contraditório e que deveria servir como exemplo a outras emissoras, é o caso do programa "Viva Maria", onde apesar da instabilidade e da incompetência administrativa reinante na Radiobrás, Mara Régia vem há 6 anos trabalhando com o público das satélites, abrindo espaço para a participação do ouvinte nas discussões de temas como o homossexualismo, a violência contra a mulher, definindo o programa como de utilidade pública. Essa seria apenas uma amostra das potencialidades que estão sendo desprezadas pelos responsáveis por esse veículo de comunicação que segundo Mara Régia, "é insubstituível".

Era uma vez o Radiojornal

Giselle Chassot

Mudo e encostado em algum canto da casa, o Rádio tornou-se apenas um símbolo de uma época que se perdeu em meio a inovações e maravilhas da tecnologia. Como se deu essa transformação? Que tipo de processo destruiu o "Império do Rádio"?

Para muitos, a resposta é simples: o "grande vilão" é a televisão, que teria substituído o rádio tanto como canal de comunicação quanto como fonte de lazer e diversão. Na realidade, a questão não parece tão simples. É certo que a televisão, associando som à imagem, criou um novo jornalismo. Mas, o Rádio ganha em função de sua própria simplicidade e agilidade.

O professor José Salomão Amorim, do Departamento de Comunicação da UnB, acredita que o Rádiojornalismo tinha tudo para dar certo. "Pode-se transmitir de qualquer lugar com um mínimo de recursos. Até mesmo um telefone pode servir como canal direto entre a notícia e o ouvinte". Para ele, o maior problema do setor é a falta de consciência da responsabilidade do Rádio enquanto veículo de comunicação.

Lima Rodrigues é correspondente em Brasília das Rádios Verdes Mares de Fortaleza e Cultura, de Belém. Ele acredita que, se o ouvinte gira o botão de seu rádio quando os informativos começam, a razão é simples: as notícias são velhas. "O público quer a notícia em primeira mão não a simples leitura de telex".

"Se as notícias de Rádio não são instantâneas, a culpa não é da técnica". A afirmação é de José Maria Machado, do Pardal, operador da Radiobrás. Segundo ele, se os Rádiojornais são apenas um "replay" do que os jornais e a TV já divulgaram, a responsabilidade talvez seja do custo para se manter um jornal "direto" no ar.

Determinar porque os Jornais Palados já não funcionam é irrelevante. Mais lógico seria achar algo que efetivamente ligasse o ouvinte aos noticiários, mas como? O professor Salomão acredita que se o ouvinte tivesse as primeiras notícias do dia no dial de seu carro enquanto vai para o trabalho, naturalmente ele voltaria a se interessar por Rádiojornalismo.



"Uma estrela num cubículo 3x4"

Piratas na onda do Rádio

Ceci Almeida

Quando Carlos Batista, estudante de Engenharia Florestal e fã de rádio, resolveu montar, em 1982, um pequeno transmissor de apenas 9 volts — mais tarde ampliado para 18 volts —, a faixa de ondas FM foi pirateada pela primeira vez em Brasília. Com um equipamento extremamente simples (um transmissor, um gravador comum e um microfone), um grupo de alunos do alojamento estudantil da UnB criou a Rádio C. O, que alcançava em suas transmissões os dois blocos residenciais que compõem o alojamento. Durante três anos, a rádio transmitiu um programa variado, diariamente das 21 horas à meia-noite.

A programação da Rádio C. O foi principalmente musical, embora totalmente distinta da programação das rádios comerciais, mas com o tempo houve espaço para tudo: poesias, piadas, entrevistas e inclusive dramatização de histórias eróticas. Ivan M. Brscan, aluno da Comunicação e um dos fundadores da rádio C. O., relembra que a participação era tão intensa que "às vezes era difícil acreditar que alguém estivesse escutando, devido ao grande número de pessoas que se amontoavam ao redor do microfone".

Em julho de 1984, no meio de mais uma greve dos estudantes, o mesmo transmissor da Rádio C. O foi trazido para o Departamento de Comunicação e utilizado na Rádio Experimental Universitária. Esta experiência, no entanto, durou pouco mais de um mês, terminando às vésperas do 8º Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação — ENECOM — realizada em Fortaleza. O transmissor foi junto com as bagagens dos alunos para a capital do Ceará e, pela terceira vez, numa iniciativa dos estudantes da UnB, foi utilizado para a implantação de mais uma rádio pirata. A Rádio Arriégua funcionou apenas durante o período do encontro, mas alcançou nesta cidade, pela primeira vez, um raio de 1,5 km, fazendo enorme sucesso no campus da universidade e nas redondezas. A fórmula para o sucesso é simples: dar o maior espaço possível para a participação da comunidade, fugir da programação comercial e, principal-

mente, rechear o programa com muito humor.

Mas a Rádio C. O. e a Rádio Experimental da UnB não foram as únicas experiências de pirataria das ondas em Brasília. Em meio à primeira campanha eleitoral da capital, surgiu a Rádio Ligada em Brasília, financiada pelo comitê de apoio ao jornalista e candidato a deputado pelo PDT, Hélio Doyle. Desta experiência participou apenas um grupo reduzido que fluía em torno de cinco pessoas. Fernando Molina, estudante da Comunicação, afirma que, apesar da ligação ideológica da rádio, não havia nenhuma imposição à linha da programação. "Havia uma liberdade muito grande de criação, e nossa programação passou a enfatizar, com muito humor, as eleições, além de transmitir entrevistas com candidatos, inclusive, com o Hélio Doyle". No entanto, a rádio sobreviveu apenas três meses e acabou fracassando devido a problemas técnicos. "A montagem de uma rádio é algo relativamente simples, mas a parte técnica é muito sensível e pode interferir em toda a transmissão. Como não se trata de uma prática legal, dificilmente se encontra um técnico disposto a ajudar", conta Molina.

O Dentel também jogou duro e acaba inibindo as pessoas. Tanto a Rádio Experimental da UnB, como a Rádio Ligada em Brasília foram incomodadas pelo Dentel. No primeiro caso, enviaram uma carta para o reitor pedindo a suspensão imediata da programação, bem como a extinção da rádio; no segundo, quase apreendem todo o equipamento, pois o local onde era feita a transmissão havia sido descoberto.

Mas a pirataria em Brasília não vai ficar por aí. No momento, está sendo articulada por alguns alunos da universidade uma nova iniciativa neste sentido, desta vez para protestar contra a concessão de um canal para o governo do DF, em detrimento da rádio UnB, que há anos vem lutando para conseguir esta concessão. Um dos alunos que tem participado desta articulação afirma que a UnB estará, em breve, entrando novamente nas ondas da faixa FM, desta vez "escancaradamente pirata". "Se a gente não consegue a concessão legal, então iremos ao ar de outra forma. O que queremos é o direito à comunicação".

Eles fazem o Rádio

Andréa Moraes
Guiliana Morrone

"Eu ligo o rádio... e é só blá, blá, blá, blá!" Com certeza, o cantor Lobão, quando fez esta música não estava ligado nas ondas de rádio de Brasília, mas o fato é que a música tem tudo a ver com o que rola por estas bandas. Só que, de repente, atrás de um microfone há muito mais que um locutor "babaca", metido a esperto, e uma música tola.

Para que uma equipe de rádio funcione como uma verdadeira máquina de som é necessário que programadores, locutores, operadores e divulgadores atuem como peças de engrenagem, que quando sincronizadas, produzem um trabalho agradável a qualquer ouvinte. E já que não dá para descrever o som deste trabalho, o jeito é abrir o microfone para esses personagens que passeiam nas ondas do rádio:

"ZYC 481,903,7 Megahertz, Atlântida FM, Brasília, Distrito Federal, a sua Companhia Ilimitada, Comigo Luca, até às 10." Esse Luca, que é locutor da Atlântida FM, define sua profissão como uma forma de levar felicidade às pessoas. Mesmo trabalhando num cubículo 3x4, ao entrar no ar, Luca deixa sua timidez de lado e atua como uma estrela. "Me sinto como se estivesse apresentando um show para casa lotada".

Mas, no rádio nem todo mundo gosta de ser estrela. Messias Melo, operador de áudio

da Nacional AM, gosta muito do que faz e não se sente diminuído por ser uma figura que nunca aparece. Ele tem consciência da sua responsabilidade como peça-chave para o êxito do programa. "Às vezes, o locutor nisa na bola e a gente tem de se virar, colocando no ar uma vineta, um comercial, tudo na base da criatividade".

Outro personagem que atua neste elenco é o programador musical. É ele que seleciona toda a produção da indústria fonográfica e escolhe o que entra ou não no ar. Carlinhos Senna, programador musical da 105 FM, Nacional AM e FM é também divulgador da gravadora WEA. Ele mesmo reconhece que não é "muito aconselhável" um programador ter este tipo de vínculo com a indústria fonográfica. Mas, apesar das críticas, Carlinhos afirma que não é porque ele trabalha para a WEA que vai incluir mais músicas dessa gravadora em sua programação.

Quem sintoniza todas estas pessoas na mesma frequência é o produtor. Realista, James Allen, da Rádio Nacional AM, sabe que não pode fazer grandes revoluções dentro do rádio, já que, não só a Nacional mas todos os meios de comunicação estão a serviço da classe dominante. Desta forma James opta pela homeopatia: "Procurar sempre melhorar o padrão de qualidade, mesmo que isto tenha de ser feito com pequenas e contínuas doses".

Rádio UnB: a comunidade no ar

Paulo Cabral

Enquanto a mesmice das rádios FM invadia as casas, carros, bares e repartições públicas da cidade, um grupo de professores e alunos da Universidade de Brasília se reuniu no ano passado e resuscitou um sonho dos fundadores da UnB, o projeto da rádio universitária.

O projeto da rádio foi feito por uma comissão nomeada pela reitoria e composta por professores e alunos dos departamentos de Comunicação, Educação e Música da UnB. Segundo o coordenador geral do projeto da rádio UnB e professor do Departamento de Comunicação, José Salomão Amorim, a rádio é diferente das outras por não ser uma emissora comercial, o que a torna mais livre para análises e críticas em sua programação. Além disso, com o seu sistema de conselhos (curador e de programação), a administração da rádio fica independente da reitoria.

A programação da rádio UnB é sustentada por um tripé composto pelas produções jornalísticas, culturais e educativas, sendo que cada uma delas será relacionada com as demais.

A produção jornalística, segundo Salomão, será caracterizada pelo aprofundamento da informação, pois, como ele diz, não adianta saturar o ouvinte com um grande volume de notícias se não forem acompanhadas de

reflexão, por isso o projeto visa a realização de debates, encontros e grandes entrevistas.

O projeto prevê, na área de produção educativa, a realização de cursos abertos, e conta com a participação de outras áreas aptas e interessadas. Para Salomão, a programação educativa terá um forte papel para suprir as deficiências do sistema de ensino convencional de Brasília, sem cair na chatiche das salas de aula.

A música será o suporte de toda a programação, pois, segundo o projeto, ela é um dos traços mais representativos de qualquer cultura. A rádio UnB tocará de tudo, desde que não tenha a finalidade de promover o mercado comercial nem seguir os modismos. Dentro da programação cultural, inclui-se também a análise das diversas manifestações culturais e suas particularidades, acabando com a ideia de que cultura se resume em espetáculo e diversão.

Um ponto inovador da rádio UnB em Brasília, é a produção independente, que será baseada na apresentação de um projeto de programa por qualquer pessoa. Se for aprovado, a rádio dará as condições de produção.

Segundo Salomão, a programação da rádio UnB é voltada para todos os segmentos da sociedade, mas não ao mesmo tempo, e sim segmentando seu público e tornando a comunicação mais eficaz.

Rádio Livre, uma alternativa

Susana Dobal

Rádio livre ou rádio pirata: afinal de onde vem a proposta da rádio UnB? Embora esses dois nomes se confundam, eles definem origens e propostas diferentes. As rádios piratas começaram nos anos 50 na Inglaterra quando as emissoras foram montadas dentro de barcos que emitiam fora das águas territoriais e andavam com bandeiras pretas hasteadas, como corsários. Partiam em busca do ouro, iam introduzir a publicidade na programação e assim burlar o monopólio estatal; daí essas emissoras contaram com apoio de multinacionais e veicularam uma programação alternativa à oficial, mas que se aproximava do modelo norte-americano.

"Músicas, notícias, jardins em flor, conversas que não vêm ao caso, inventos, descobrimentos, receitas, horóscopos, filtros mágicos, amor, partes de guerra, fotografias, mensagens, massagens e mentiras" — contaminada dos anos 70, assim se definia na sua primeira emissão uma das rádios livres mais importantes do começo do movimento na Itália: a Rádio Alice. Sua proposta de contestação, tanto no plano político quanto estético, dura

pouco mais de um ano; em março de 77 sua última emissão transmite ao vivo o barulho das tropas policiais invadindo a emissora.

A partir daí as rádios livres vão proliferar e encontrar apoio junto à opinião pública a ponto de na França sua legalização entrar no programa de governo do Partido Socialista na época da eleição do presidente François Mitterrand. Quando chega ao poder ele legaliza diversas emissoras animadas pelas mais diversas facções como a comunidade judaica, os homossexuais, ecologistas, profissionais ligados à imprensa, conservadores, intelectuais.

No Brasil se pode falar muito pouco de sua programação alternativa entre as emissoras que são legalizadas. A Rádio USP (Universidade de São Paulo) tenta conservar a proposta inicial das rádios livres de ser um veículo democrático (a princípio qualquer pessoa pode veicular um programa depois de passar por um conselho da emissora). Por enquanto ainda não se cogita legalmente em rádios que se identifiquem com um grupo social porque a sua potencialidade ainda não foi reconhecida e o modelo comercial está muito enraizado.

Concessão, qual o critério

Pedro Mansur

A política usada pelo Governo Federal para a concessão de canais de rádio está gerando protestos por parte da Universidade de Brasília, que foi prejudicada pela trama em que o seu canal, anseio de toda comunidade universitária, foi dado inexplicavelmente ao Governo do Distrito Federal.

Ao ser questionado sobre os motivos da concessão do canal ao GDF, Artur Aymoré, coordenador de Comunicação Social do Ministério das Comunicações diz impaciente que "a decisão é um ato discricionário do Presidente da República". Segundo ele, os critérios para concessão de canais de rádio "estão claramente especificados na lei 4.117 de 1962". Esta lei enumera vários requisitos que devem ser preenchidos pelos pretendentes, como, por exemplo, prova de idoneidade moral, demonstração de recursos técnicos e financeiros para o empreendimento e a indicação dos responsáveis pela orientação intelectual e administrativa da entidade. Os pedidos de concessão, após aprovados tecnicamente pelo Ministério das Comu-

nações, são remetidos ao Presidente da República, que escolhe o beneficiado com a concessão.

Entretanto, pode-se concluir que os fatores políticos é que valem na hora da decisão. O caso da UnB é um exemplo: a Universidade entrou com um pedido de concessão de canal de rádio, que segundo o professor José Salomão Amorim, um dos responsáveis pelo projeto, "é técnica e burocraticamente perfeito, preenche todos os requisitos legais". Além disso, o professor Salomão afirma que a Universidade de Brasília tem a seu favor argumentos que contribuiriam para a concessão: a lei que criou a UnB prevê a existência de uma rádio da Universidade e a rádio universitária possibilitaria uma série de vantagens para a melhoria educacional, já que proporcionaria um enriquecimento curricular não só para o curso de Comunicação, mas também para os cursos de Música, Engenharia e Educação. Mas, estranhamente, a UnB não conseguiu o seu canal, que foi dado ao Governo do Distrito Federal, que nunca havia entrado com um pedido de concessão de canal junto ao Ministério das Comunicações.

